



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO**

**VALQUÍRIA HOMERO DE ALMEIDA**

**SETOR COMERCIAL SUL: RELATOS DA RUA**  
**Webdocumentário sobre pessoas em situação de rua**

**BRASÍLIA**  
**2018**

Valquíria Homero de Almeida

**SETOR COMERCIAL SUL: RELATOS DA RUA**  
**Webdocumentário sobre pessoas em situação de rua**

Memorial descritivo do produto apresentado à Universidade de Brasília, como requisito parcial para a obtenção do título de bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Márcia Marques

Brasília, 2018  
Valquíria Homero de Almeida

**SETOR COMERCIAL SUL: RELATOS DA RUA**  
**Webdocumentário sobre pessoas em situação de rua.**

Memorial descritivo do produto apresentado à Universidade de Brasília, como requisito parcial para a obtenção do título de bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Márcia Marques

**BANCA EXAMINADORA:**

---

Márcia Marques  
ORIENTADORA

---

Paulo Roberto Assis Paniago  
MEMBRO

---

Maria Inês Gandolfo Conceição  
MEMBRO

---

Rafiza Luziani Varão Ribeiro  
SUPLENTE

Brasília, 2018

À Tânia de Cassia Rodrigues da Silva, assassinada aos 19 anos com 22 facadas no penúltimo dia das entrevistas. Da sua história eu só conheci o final, mas faço questão de contá-la e deixá-la registrada. Dedico ainda este trabalho a todas as pessoas em situação de rua que morrem e vivem, se não no anonimato, na indiferença. E dedico a todos aqueles que são capazes de enxergá-las.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por sua bondade infinita, por ter me criado como sou e por ter colocado no meu coração o desejo de buscar e transmitir a Verdade. E agradeço especialmente todo ânimo que Ele me deu ao longo deste último semestre e a confiança que depositou em mim. É a Ele a quem primeiro submeto este trabalho e de quem desejo a aprovação. Espero, querido Deus, que este meu esforço, apesar de todas suas muitas limitações, contribua de alguma forma para que as pessoas que tentei retratar sintam-se ouvidas, respeitadas e amadas; como eu sei que é a sua vontade. Nós dois sabemos que eu não posso fazer muito para melhorar efetivamente a realidade em que elas vivem. Mas o pouco que está ao meu alcance, eu te apresento. Agradeço também à Virgem Maria por me confortar nos momentos de dúvida e me acompanhar com seu zelo maternal. Eu não teria conseguido sem o seu apoio, Mãe.

Família, obrigada por toda compreensão nesses últimos meses e pelo suporte de toda uma vida. Só me tornei uma mulher capaz de realizar essa empreitada pelo estímulo constante de vocês em me tornar uma pessoa melhor, atenta às necessidades que não só as minhas e comprometida a me empenhar ao máximo nas minhas atribuições. Lidando com tantas histórias difíceis durante este projeto, percebo mais claramente que nunca a importância da estrutura familiar que tenho em casa — e que ter uma casa vai muito além de quatro paredes e um teto sobre a minha cabeça. Obrigada por serem a casa para onde sempre posso retornar.

Professora Márcia, obrigada por toda a orientação. Não só em relação a esta reportagem, mas pela lembrança constante de não sacrificar minha saúde mental e de regular minhas expectativas. Desde 2015, quando conversamos pela primeira vez sobre meus problemas de estafa e minha pretensão de ser sua orientanda, sua postura prática e compreensiva se tornaram um refúgio em meio a todas minhas auto cobranças. Seu acolhimento e sua visão clara foram fundamentais para que eu concluísse mais esta etapa. A senhora sempre será uma referência para mim. Obrigada pela confiança.

Ao professor Paniago, obrigada por ter aprofundado meu interesse em produzir um jornalismo mais humano no finalzinho do meu curso. O senhor me lembrou de que o importante não são só as histórias que contamos, mas como decidimos fazê-lo, e me atentou

ao fato que desprezar a subjetividade (nossa e das nossas fontes) nem sempre é o melhor caminho para retratar uma realidade. À professora Inês, que me abriu possibilidades quando eu ainda estava no começo da apuração e que gentilmente aceitou fazer parte desta banca. Sei que seu olhar experiente sobre as pessoas em situação de rua vai lançar nova luz ao trabalho que desempenhei até aqui, para que eu possa melhorá-lo em um futuro próximo. E à tenente Carolina Alcântara, que nos colocou em contato e me incentivou a perseguir minha pauta quando ela era apenas a mais remota possibilidade da minha lista de ideias. Agradeço também à professora Rafiza pelo interesse e disponibilidade em examinar meu projeto.

Agradeço a toda equipe do CAPs AD III — Candango pela acolhida, ajuda e compreensão ao longo das entrevistas. De forma especial, agradeço ao Romeu Sérgio Maia de Albuquerque por toda disponibilidade, pelas conversas esclarecedoras e pelo interesse no projeto. Vocês fazem um trabalho admirável, e espero poder contribuir de alguma forma em um futuro muito próximo.

A Matheus Marques, meu namorado: infinitamente, obrigada. Por me acompanhar nas entrevistas, pelo suporte técnico e acima de tudo pelo apoio emocional. Você quem presenciou de perto minhas angústias e inseguranças sobre essa reportagem e se ela traria algum bem às pessoas com quem conversamos. Poder partilhar minhas preocupações contigo me fez acreditar que o fato de elas se sentirem ouvidas, ainda que só por mim e você, valia a pena. Obrigada por me escutar e me ensinar o valor que isso tem.

Não acho que exista o risco de ser demasiadamente agradecida, então vou aproveitar o espaço e registrar meu muito obrigada a todos os professores e colegas que estiveram comigo ao longo da minha graduação. Agradeço por estimularem meu senso crítico, expandirem minhas ideias e me questionarem. De forma especial, muitíssimo obrigada à Pupila Audiovisual e a todos que já fizeram parte da empresa. A vivência na salinha de porta vermelha não só me ensinou lições preciosas sobre o fazer audiovisual (sem as quais este trabalho não teria metade da qualidade que tem), mas principalmente me ensinou do que eu sou capaz. E do que eu não sou. Para o bem ou para o mal (creio que para o bem), ser parte da Pupila tatuou o “vai lá e faz” no avesso da minha pele. Pois é, queridos pupilos. Fui lá e fiz.

Por fim: muito, muito, muito obrigada a todos que compartilharam suas histórias comigo e confiaram em mim para contá-las. É bem provável que vocês não leiam isso, e que talvez vocês se esqueçam de mim com o passar do tempo. Quisera eu ser mais do que um rosto que apareceu com um sorriso e depois sumiu na multidão que passa incessantemente por vocês! Mas saibam que eu vou me esforçar para vê-los. Onde quer que eu esteja, vou manter meus olhos e ouvidos abertos para encontrar a vocês e a tantos outros que vivem a mesma situação. E que quando acontecer esse encontro, eu vou olhá-los nos olhos. Sem pena e sem medo. Com o respeito que vocês merecem. Com respeito por quem vocês são.

Obrigada por me ensinarem a ver.

*O maior pecado para com os nossos semelhantes não é odiá-los, mas tratá-los com indiferença: é a essência da desumanidade.*

(Bernard Shaw)

## RESUMO

*Setor Comercial Sul: relatos da rua* é um webdocumentário de 32 minutos elaborado a partir do depoimento de pessoas que estão ou já viveram em situação de rua. Doze pessoas foram ouvidas durante a apuração, todas no Setor Comercial Sul de Brasília. O objetivo é propiciar um lugar seguro de fala a este grupo, bem como transmitir o seu discurso com o mínimo de intervenção possível. O webdocumentário e os relatos na íntegra estão disponíveis no site <https://oquearuafala.wixsite.com/relatosdarua>. O projeto conta também com um planejamento de divulgação nas redes sociais para ampliar seu alcance.

**Palavras-chave:** pessoas em situação de rua; webdocumentário; Setor Comercial Sul; jornalismo social; inclusão social; representatividade.

## **ABSTRACT**

*South Commercial District: street's stories* consists in a 32 minutes web documentary made by depositions from people who are or used to be homeless. Twelve people were listen, all in the South Commercial District of Brazilia. The point is to create a safe environment where these people can be fully heard with the least interference as possible. The web documentary and all uncut reports are available at <https://oquearuafala.wixsite.com/relatosdarua>. The project has also a social media promotion planning to increase its reach.

**Key-words:** homeless people; web documentary; South Commercial District; Social Journalism; social inclusion; representativeness.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1:</b> Localização do Setor Comercial Sul .....	14
<b>Gráfico 1:</b> Engajamento sem fins lucrativos no Facebook .....	40
<b>Gráfico 2:</b> Engajamento sem fins lucrativos no Facebook .....	41
<b>Tabela 1:</b> Duração das entrevistas x tempo no vídeo .....	43
<b>Tabela 2:</b> Tempo de entrevista x tempo de vídeo .....	44
<b>Tabela 3:</b> Nº de falas no vídeo x intervalo das entrevistas .....	46
<b>Tabela 4:</b> Andréia - Cronologia .....	47
<b>Tabela 5:</b> Adenilson - Cronologia .....	71
<b>Tabela 6:</b> Alison - Cronologia .....	72
<b>Tabela 7:</b> Davi - Cronologia .....	72
<b>Tabela 8:</b> Dionathan - Cronologia .....	72
<b>Tabela 9:</b> Hugo - Cronologia .....	72
<b>Tabela 10:</b> José Carlos - Cronologia .....	72
<b>Tabela 11:</b> Júnior - Cronologia .....	73
<b>Tabela 12:</b> Marcelo - Cronologia .....	73
<b>Tabela 13:</b> Ramon - Cronologia .....	74
<b>Tabela 14:</b> Rosenildo - Cronologia .....	74
<b>Tabela 15:</b> Vitor - Cronologia .....	75

## SUMÁRIO

<b>1. Apresentação</b> .....	13
<b>2. Problema de pesquisa</b> .....	16
<b>3. Justificativa</b> .....	18
<b>4. Definição dos objetivos</b> .....	19
4.1. Objetivo geral .....	19
4.2. Objetivos específicos .....	19
<b>5. Referencial teórico</b> .....	20
5.1 moradores de rua x pessoas em situação de rua.....	20
5.2. Desigualdade, diferença e dessemelhança .....	21
5.3. Narrativa jornalística e humanização.....	22
5.4. A questão da linguagem e do formato .....	24
<b>6. Procedimentos metodológicos</b> .....	26
6.1. Questões prévias: gravação e disseminação .....	26
6.2. Equipamentos e qualidade técnica.....	26
6.3. Apuração.....	27
6.4. Produção .....	30
6.5. Pós-produção .....	36
6.6. Divulgação .....	38
<b>7. Considerações finais</b> .....	42
7.1. Proporção de tempo de cada entrevistado no vídeo.....	42
7.2. Manipulação de cortes e ordenação .....	45
<b>8. Referências bibliográficas</b> .....	49
<b>9. Apêndices</b> .....	52
9.1. Roteiro de áudio.....	52
9.2. Cronologia das falas x cronologia das entrevistas .....	71
<b>10. Anexos</b> .....	76
10.1. Autorização do uso de imagem e voz .....	76

## 1. APRESENTAÇÃO

O Distrito Federal tem a maior renda per capita do país, com R\$ 2.458,00 mensais por domicílio<sup>1</sup>. Mas mesmo na unidade da federação proporcionalmente mais rica e com o maior Índice de Desenvolvimento Humano em todo país, ao menos 2.512 pessoas vivem em situação de rua. Assim diz a pesquisa realizada pelo projeto Renovando a Cidadania, em 2011. Os dados mais recentes sobre o assunto não são tão específicos: a Estimativa da População em Situação de Rua no Brasil de 2016 calcula que cerca de 8.777 pessoas vivam nessas circunstâncias no Centro-Oeste, das quais 3.186 nos municípios da região com mais de 900 mil habitantes.

A Secretaria Adjunta de Desenvolvimento Social aponta o Plano Piloto com uma das regiões de maior incidência de pessoas em situação de rua no Distrito Federal. É um contraste interessante, considerando que o Plano Piloto também é o pólo do poder político da cidade e reúne importantes centros comerciais. O coração de Brasília possui a maior quantidade de recursos e as pessoas mais carentes da capital do país.

O Setor Comercial Sul talvez seja o local mais emblemático nesse sentido. Próximo ao shopping Pátio Brasil e ao Venâncio 2000, dois importantes centros comerciais de Brasília, ao Hospital de Base do Distrito Federal, da unidade Centro da rede Sarah de Hospitais de Reabilitação e ao Setor de Rádio e TV, a região é habitada por pessoas que não têm acesso à maioria desses serviços. Além da sua importância histórico-cultural e da vida noturna, o Setor Comercial Sul é conhecido como um ponto de violência e tráfico de drogas. O chamado Buraco do Rato<sup>2</sup>, uma das garagens subterrâneas do local, vem sendo noticiado há anos como o principal foco de consumo de crack da cidade.

A reportagem da qual este documento faz memória, contudo, não é sobre o Setor Comercial Sul. Ou antes, o é através do olhar das pessoas que não estão ali passando, trabalhando ou comprando, mas vivendo. O foco são as pessoas e o que elas têm a dizer sobre si mesmas, sua realidade e à sociedade que as ignoram. Não é objetivo desta reportagem

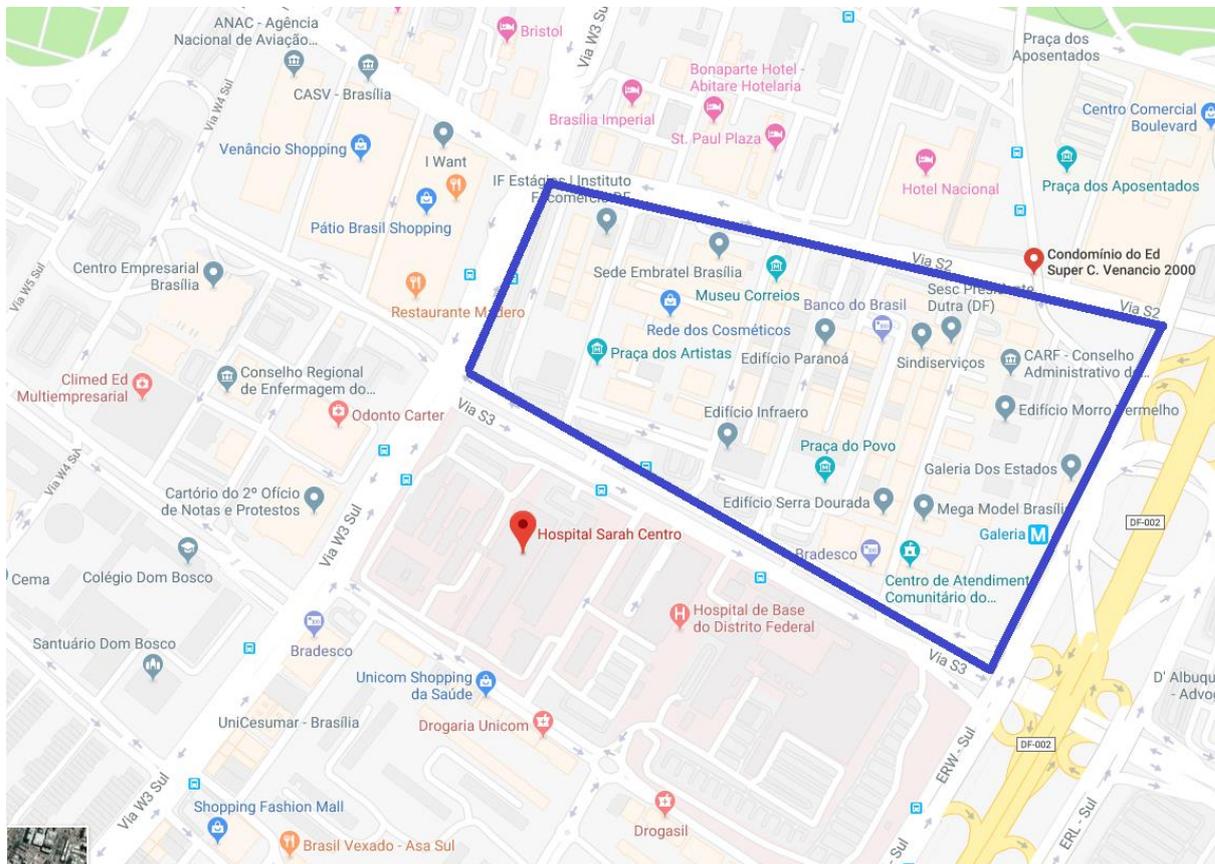
---

<sup>1</sup> De acordo com o IBGE, dados de 2018.

<sup>2</sup> A nomenclatura parte da analogia entre os dependentes químicos que ficam no local e ratos. Na tentativa de mitigar essa concepção, por menor que seja a eficácia do meu esforço, passarei a me referir ao ambiente como “espaço-garagem” a partir deste ponto do memorial.

apontar culpados, fazer denúncias ou especular soluções, mas tão somente expor a complexidade de uma situação que existe no ponto central de Brasília, mas é pouco discutida.

**FIGURA 1: LOCALIZAÇÃO DO SETOR COMERCIAL SUL**



O melhor método encontrado para abordar a pauta com o enfoque desejado foi por meio de um documentário pensado para o meio online. Ao longo de todo processo, a preocupação foi em transmitir o discurso das pessoas em situação de rua não apenas de forma fiel, como exige o bom jornalismo, mas tão integralmente quanto possível.

*Setor Comercial Sul: relatos da rua* consiste em um webdocumentário elaborado a partir de entrevistas de pessoas em situação de rua na região contornada em azul na figura 1. No vídeo, apenas as vozes são escutadas, mas a imagem dos entrevistados está ausente, como forma de preservar a identidade dos mesmos e também de provocar uma reflexão sobre a invisibilidade social a qual essas pessoas estão sujeitas. O objetivo do webdocumentário é cativar o interesse do público e levá-lo a escutar as entrevistas na íntegra, disponíveis no site do projeto.

A veiculação mais direta do discurso dos entrevistados procura garantir uma maior precisão na representação dos autores e evidenciar a pluralidade de circunstâncias que permeiam a vivência na rua. Dar-lhes voz permite traçar contornos mais precisos sobre uma realidade obscura, mergulhada no anonimato e prontamente taxada de problema social, sem um olhar mais atento à história pessoal dos indivíduos que compõe o grupo.

A complexidade da situação revelada pelos entrevistados é um obstáculo à tomada de decisões coletivas que impactem a sua realidade, mas da mesma forma que a reportagem procura respeitar a história de cada um, ela pretende impactar o público também de forma individual, gerando uma reflexão que, se incapaz de gerar uma mudança de atitude frente a pessoas em situação de rua, ao menos gere uma mudança de perspectiva. Perspectiva mais humana e menos baseada em preconceitos e atribuições genéricas.

Na tentativa de tornar o esforço da reportagem mais efetivo, foi feito um planejamento de divulgação nas redes sociais, uma vez que não basta transmitir os discursos dos entrevistados se eles não encontrarem quem os escute. A disposição do produto na internet foi pensada para manter em aberto a possibilidade de novas abordagens não só no Setor Comercial Sul, mas em outros pontos do Distrito Federal. O produto é apenas o primeiro esforço do projeto, que tem potencial para se manter ao menos a médio prazo.

## 2. PROBLEMA DE PESQUISA

Meu interesse em pessoas em situação de rua começou em 2015, quando fiz uma entrevista para a 17ª edição da revista *Campus Repórter*. Na ocasião, tive a oportunidade de conversar com uma mulher que viveu na rua por 18 anos, deixou o crack, voltou para a casa da mãe e estava trabalhando como facilitadora em uma casa de acolhimento para usuários. Nos vários encontros com Esperança, como ela foi chamada à princípio na matéria, percebi como a vida nas ruas era muito mais violenta e muito mais complexa do que meu preconceito tinha concebido.

Até então, eu me considerava alguém ao menos um pouco sensível à realidade dessas pessoas, mas percebi que havia muitas perguntas sobre a vivência deles que eu jamais tinha feito e que estava longe de saber as respostas. Mas principalmente, ao traçar o perfil da Esperança, entendi que cada pessoa na rua tinha uma história diferente e que era um tanto ingênuo atribuir as condições sempre às mesmas causas. Procurei observar com mais atenção pessoas em situação de rua a partir dessa experiência e a postura da sociedade diante delas.

Minha impressão era que a forma predominante escolhida pela sociedade para lidar com pessoas em situação de rua beirava a ignorância da sua existência, uma tolerância silenciosa e a contragosto, expressa pela pressa ao cruzar os espaços por elas ocupados e em janelas de carros fechadas rapidamente. Impressões, porém, dizem muito pouco ao jornalismo. Era preciso ouvir quem vive isso na pele para tentar entender.

Quando decidi por produzir uma reportagem sobre pessoas em situação de rua, porém, preocupava-me a linha tênue entre escutá-las e as expor. Havia um interesse pessoal e sensível pela pauta, mas produzi-la de forma apelativa não seria apenas incoerente com o objetivo de fazê-las escutar, mas também contra a imparcialidade jornalística que, segundo me ensinaram, deixa ao público a tarefa de tirar as próprias conclusões. Era meu interesse mostrar e discutir a situação em que vivem essas pessoas, não explorá-la. Apontar as dificuldades, e não taxá-las de vítimas.

Havia também de respeitar a individualidade de suas histórias, em vez de simplesmente agrupá-las sob o mesmo rótulo. Precisava dar ênfase à primeira parte da

“pessoa” do “em situação de rua”, sem diminuir todas as implicações desta última. E precisava sobretudo impedir que minhas impressões pessoais ditassem o enfoque da reportagem, reproduzindo preconceitos.

Como representá-los de forma fidedigna e sem expô-los? Como permitir que eles falem por si? E como gerar interesse por um grupo tradicionalmente marginalizado, não de forma meramente sensível, mas reflexiva e ativa? Era necessário ponderar desde o início sobre a produção e a divulgação da reportagem levando em consideração as duas extremidades: as pessoas que eu escutava e as pessoas que deveriam ouvi-las.

Na tentativa de responder satisfatoriamente todas essas questões, optei por transmitir os discursos da forma tão direta quanto me foi possível, mas ainda preservando em parte o anonimato em que vivem as pessoas em situação de rua. Os fatores que me levaram a isso estão detalhados na metodologia deste memorial.

### 3. JUSTIFICATIVA

Ao longo do meu curso, ouvi constantemente termos como representatividade, empoderamento e minorias. Ao final de quase seis anos, uma das ideias que criou raízes mais fundas na minha compreensão do jornalismo é a sua responsabilidade em dar voz aos apelos da sociedade, sobretudo das parcelas mais vulneráveis. O jornalismo, como eu o apreendi, tem a difícil tarefa de destacar elementos da miscelânea da vida pública, em seus mais diversos aspectos, e levá-los para a esfera comum, colocando-os em evidência e discussão. Como jornalista em formação, eu me perguntava o porquê de não estarmos falando sobre pessoas em situação de rua e, principalmente, por que não permitimos que elas mesmas falem.

Mas se o processo de edição é intrínseco à função jornalística de remover dados supérfluos e informar o essencial, a internet vem mudando paradigmas da profissão mais depressa que a literatura pode discutir. Cada vez mais a população tem acesso à informação sem a mediação (ao menos aparente) do jornalista, e decide por si própria o que é do seu interesse ou não, libertando-se gradativamente dos temas e enfoques que a mídia tradicional lhe oferece. Não cabe aqui discutir até onde essa independência é de fato possível, mas ponderar os desafios e possibilidades do fazer jornalístico nessa configuração relativamente recente e em constante mudança.

Este projeto procura reduzir os processos de edição, proporcionando um contato mais direto com as fontes entrevistadas e, em alguma medida, reproduzir a experiência da repórter ao longo da produção. Em contrapartida, precisa criar o interesse necessário não apenas pelo tema do produto, mas pela forma como ele foi elaborado. Em um contexto de vídeos com um máximo de 60 segundos e *scrolling* infinito, como convencer as pessoas a ouvir relatos longos, ainda mais de um grupo ignorado cotidianamente pela maioria? Até onde essa estratégia é efetiva para tornar pessoas em situação de rua mais ouvidas?

A inquietação não me pareceu apenas legítima, mas um exercício pertinente. Espero que o presente trabalho possa contribuir na discussão sobre as diferenças entre manipulação e edição, sobre as novas ferramentas que o jornalismo dispõe no meio online e de que formas elas podem ser utilizadas para um exercício mais humano da profissão.

## **4. DEFINIÇÃO DOS OBJETIVOS**

### **4.1. OBJETIVO GERAL**

Propiciar um local de fala seguro onde pessoas em situação de rua ou que tenham vivido nessas circunstâncias possam falar livremente sobre suas experiências, necessidades e reivindicações.

### **4.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

O objetivo principal do trabalho é fazer com que pessoas em situação de rua sejam plenamente ouvidas, da forma mais integral e direta que o jornalismo permite atualmente através dos meios digitais.

Efetivar esse objetivo passou por dois passos principais: Primeiro, executar entrevistas com o máximo possível de pessoas em situação de rua no Setor Comercial de Brasília e disponibilizar as entrevistas na íntegra na internet. Segundo, elaborar um produto atrativo ao grande público para introduzi-lo ao projeto e que gerasse interesse o suficiente para levar à escuta das entrevistas individuais. Para esta segunda etapa, optou-se por fazer um webdocumentário com divulgação planejada em duas redes sociais, o Facebook e o Instagram.

Dar voz a esse grupo vulnerável pretende criar uma reflexão sobre a diversidade de realidades que permeiam a vivência da rua e sobre o espaço que essas pessoas ocupam na sociedade. O objetivo final é tornar pessoas em situação de rua não apenas vistas, mas ouvidas e respeitadas.

## 5. REFERENCIAL TEÓRICO

### 5.1 MORADORES DE RUA x PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA

A população em situação de rua no Brasil já era expressiva desde a época colonial (ANDRADE, COSTA, MARQUETTI, 2014). Desde então, os termos cunhados para designar pessoas nessa situação tinham implicações na maneira como elas eram vistas e tratadas, ao ponto da vagabundagem configurar crime a partir do século XIX, ocasião em que a “a lei servia para classificar os moradores de rua.” (p. 1249).

As autoras prosseguem sua análise partindo dos significados da palavra “rua” e as expressões a ela atreladas. “Pôr na rua” a define como um espaço público, de visibilidade. Característica que se inverte quando aplicada às pessoas que moram nas ruas. “Moradores de rua” também é uma das definições da palavra, sugerindo que “o sujeito que reside nas ruas é, ele mesmo, a própria rua” (p. 1250).

Resende (2005) defende que a classificação molda a postura das pessoas diante de determinadas circunstâncias, sendo necessário refletir antes de determinar categorias. Em relação às pessoas sem moradia, ela chama atenção para expressões que naturalizam seu estado como algo permanente, intrínseco a quem elas *são* e não como elas *estão*:

Mais recentemente, a situação de rua tem sido representada com frequência por meio do termo 'moradores de rua'. Ora, há uma contradição evidente nessa classificação: o que determina o fato de alguém ser um(a) 'morador(a)' é possuir um endereço, um local onde 'mora'. Por isso é justamente o que (ou melhor, uma das coisas que) um morador (a) de rua' não tem. (RESENDE, 2005, pp. 72-73)

Neste memorial, portanto, optou-se por usar o termo “em situação de rua” justamente por ser um predicativo que salienta o caráter circunstancial da “pessoa” ou da “população”, distinguindo claramente o sujeito da situação em que se encontra. A Política Nacional para a População em Situação de Rua a define como

o grupo populacional heterogêneo que possui em comum a pobreza extrema, os vínculos familiares interrompidos ou fragilizados e a inexistência de moradia convencional regular, e que utiliza os logradouros públicos e as áreas degradadas como espaço de moradia e de sustento, de forma temporária ou permanente, bem como as unidades de acolhimento para pernoite temporário ou como moradia provisória. (BRASIL, 2009, Art. 1º Parágrafo Único).

Agora que foi demonstrada a importância da denominação do grupo, cabe olhar mais atentamente para outros termos atrelados à população em situação de rua e de que forma eles são reproduzidos pelo discurso midiático.

## **5.2. DESIGUALDADE, DIFERENÇA E DESSEMELHANÇA**

Na sua análise da representação de pessoas em situação de rua no jornalismo online, Resende (2016) apresenta uma distinção pertinente entre desigualdade, diferença e dessemelhança. O que caracteriza a desigualdade social é o acesso a bens e serviços supérfluos por apenas uma parcela da sociedade. A diferença reside não entre esses dois pólos desiguais, mas entre as pessoas “do mesmo lado da fronteira social” (p. 961). E do lado menos favorecido da fronteira, há aqueles que não têm acesso nem mesmo aos bens essenciais.

A dessemelhança ocorre quando uma das parcelas diferentes não vê mais a sua semelhança com a outra. “Pensar na dessemelhança é desconcertante, mas não inusitado, em um contexto que apresenta repetidas chacinas, assassinatos brutais de seres humanos por seres humanos que já não se identificam com as pessoas que habitam as ruas das cidades.” (RESENDE, 2016, p. 961).

É este sentimento de dessemelhança que este projeto visa combater, principalmente quando, de acordo com Santos, a mídia é responsável por consolidar esse sentimento:

Esses desrespeitos e humilhações ocorrem de diferentes maneiras: desde, por exemplo, as repetitivas imagens midiáticas de corpos deitados em espaços públicos [...], à construção discursiva de uma 'figura' diferente, síntese do mais socialmente indesejável. Assim, a imagem da pessoa em situação de rua foi, e continua sendo, formatada para que 'os/as cidadãos/ãs' lhe tenham piedade, medo e/ou asco (SANTOS, 2013, p.41)

Tanto Resende quanto Santos partem da análise do discurso para compreender de que forma a mídia retrata as pessoas em situação de rua. Santos analisa cinco reportagens de capa do jornal *Aurora da Rua*, que desde 2007 é vendido na capital baiana por pessoas em situação de rua<sup>3</sup> que, segundo o editorial, também participam na elaboração do conteúdo. Já Resende se aproxima do objetivo deste projeto ao direcionar sua investigação ao jornalismo online, questionar quem são as fontes consultadas em notícias relacionadas a pessoas em situação de rua e em que circunstâncias elas falam por si mesmas.

Compilando os dados de 166 textos publicados no Correio Braziliense entre 2011 e 2013, Resende e suas colaboradoras observaram que pessoas em situação de rua não foram ouvidas sobre a temática de drogas e apenas duas vezes falaram sobre violação de direitos. Elas também apontam que a maior parte das avaliações sobre pessoas nessas circunstância tem alguma conotação negativa, como incômodas, perigosas e oportunistas.

O padrão observado por Resende indica que a abordagem jornalística do tema vem seguindo um mesmo enfoque, para dizer o mínimo. E enquanto jornalista, o dado que chama mais atenção na análise é o quão pouco pessoas em situação de rua foram ouvidas sobre a sua própria realidade em comparação a outros tipos de fonte, como a polícia e pessoas do sistema judiciário.

### **5.3. NARRATIVA JORNALÍSTICA E HUMANIZAÇÃO**

A teoria do *newsmaking*, de acordo com Mauro Wolf (1985), estuda o papel dos emissores na produção jornalística e os processos a que eles estão sujeitos, seja enquanto

---

<sup>3</sup> Proposta muito semelhante à revista *Traços* de Brasília, criada em 2015. Contudo, as pessoas em situação de rua atuam apenas como “porta-vozes da cultura”, na comercialização da publicação.

atores particulares ou enquanto instituições. Um desses processos é o de *gatekeeping*, a seleção dos fatos que serão ou não levados à esfera comum por meio da mídia:

Os gatekeepers determinam aquilo que se torna a realidade social de uma pessoa, sua forma particular de ver o mundo. Embora uma decisão no processo de gatekeeping sozinha possa parecer trivial, mensagens variadas e comuns surgem todos os dias, tornando o processo de gatekeeping complicado e altamente significativo. (SHOEMAKER e VOS, 2011, p. 14)

O discurso jornalístico, portanto, é uma (re)construção e não um relato automático da realidade (RESENDE, 2016, p. 965), e como tal está imbuído de responsabilidade pelos critérios que adota na seleção e elaboração das mensagens. O discurso jornalístico é também narrativo à medida que situa essa mesma realidade em um espaço-tempo determinado, diferenciando-se de outras narrativas pelo seu caráter informativo e não-ficcional (FERRARI, SODRÉ, 1986).

De acordo com os dois últimos autores, a notícia (gênero jornalístico predominantemente analisado por Resende) tem a função de anunciar os fatos, enquanto a reportagem (analisada por Santos) pretende ampliar a perspectiva sobre determinado assunto. A reportagem também se configura pela humanização do relato construído, à medida que aproxima o público da situação retratada e permite identificação.

A reportagem, portanto, parece o gênero jornalístico mais adequado para combater o sentimento de dessemelhança pela população em situação de rua, reforçado tantas vezes pela notícia. As considerações que Santos apresenta na sua dissertação são estimulantes a este respeito, mas denunciam o enfraquecimento do protagonismo das pessoas em situação de rua à medida que, ainda que suas vozes estejam presentes no texto, não fica claro qual o seu papel na construção das narrativas.

Na tentativa de responder a essa carência e suprimir metáforas que reforcem o estereótipo de “um ser que não é como os outros e não pertence ao espaço comum daqueles que têm direitos e deveres” (SANTOS, 2013, p. 183), o esforço do produto deste memorial é em suprimir ao máximo a voz do narrador, explícita e implicitamente.

#### 5.4. A QUESTÃO DA LINGUAGEM E DO FORMATO

No que toca à representação dos discursos, a linguagem escrita apresenta obstáculos consideráveis à tarefa de omitir a voz do narrador. Transcrever as entrevistas literalmente eliminaria a entonação e ritmo originais, e mesmo a divisão em parágrafos influencia a estrutura narrativa e sua conseqüente interpretação. Além do que a omissão do narrador desconfigura a reportagem tal como Ferrari e Sodré a definem. O gênero, ainda que mais adequado que a notícia na profundidade da abordagem, não comporta a proposta.

No audiovisual, porém, existe uma alternativa satisfatoriamente próxima à grande-reportagem, onde o papel do narrador é menos evidente: o documentário. De acordo com Penafria (1999, p. 23) no documentário a narração não é obrigatória, enquanto:

Na reportagem, essa obrigatoriedade deriva da necessidade de se explicarem ou descreverem as imagens que se vêem. Pelo contrário, no documentário a imagem não é utilizada com fins meramente ilustrativos ou para confirmação do que é dito; a exploração do seu lado conotativo é o que de mais importante o documentário imprime nas imagens que utiliza. ( *apud* ROCHA, 2004, p. 28)

A narrativa documental, portanto, sacrifica a pretensa imparcialidade e objetividade de outros discursos jornalísticos, e por isso mesmo amplia a possibilidade de compreensão do seu público (FAGUNDES, ZANDONADE, 2003, p. 16). O enfoque do documentário permite um confronto ou distanciamento de si próprio, dinâmica pertinente na tentativa de reverter a dessemelhança. A função principal do documentário é “apresentar novos modos de ver o mundo ou de mostrar aquilo que, por qualquer dificuldade ou condicionalismos diversos, muitos não vêem ou lhes escapa” (PENAFRIA, 2001, p.7).

Omitir a narração do documentário aproxima a proposta da modalidade de observação apresentada por Nichols (2001), possível graças às inovações tecnológicas a partir da década de 60 que simplificaram e diminuíram os equipamentos, permitindo ao documentarista maior agilidade de deslocamento, reduzir sua equipe e se mesclar com mais facilidade aos ambientes que documenta no seu exercício. O controle da imagem e da composição das cenas é deixado de lado para observar a realidade tal como ela se apresenta.

Honrar esse espírito de observação tanto na edição quanto na filmagem resulta em filmes sem comentários em *off*, sem música suplementar ou efeitos sonoros, sem intertítulos, reencenamentos históricos, comportamentos repetidos para a câmera e nem mesmo entrevistas. (NICHOLS, 2001, p. 110. tradução própria)

O silêncio das vozes de pessoas em situação de rua na representação da realidade em que elas vivem, como apontado por Resende, fazem das entrevistas um recurso do qual este trabalho não pode renunciar sem prejudicar seu objetivo. Objetivo este que não pode ser alcançado sem levar em conta não apenas as estratégias adotadas na construção do discurso, mas no meio de propagação.

O meio online se mostra o mais propício para disseminar o trabalho: de acordo com os dados da Pesquisa Brasileira de Mídia 2016, a internet é o meio de comunicação mais utilizado pelo brasileiro depois da televisão. Durante os dias úteis, 29% dos entrevistados usam a internet por mais de cinco horas, enquanto apenas 13% dedicam o mesmo tempo à TV. No mesmo ano, usuários da internet já correspondiam a 65% da população brasileira, segundo o relatório anual mais recente da Cisco Visual Networking Index<sup>4</sup>.

A internet permite que os discursos sejam escutados tal qual foram enunciados ao disponibilizar as entrevistas na íntegra. A necessidade do vídeo vem ao encontro de ampliar o alcance das vozes escutadas. A Associação Brasileira de Podcasters, em sua pesquisa mais recente, afirma que há pelo menos 22.691 ouvintes de podcast<sup>5</sup> no Brasil, enquanto mais da metade de todo tráfego de internet no país era consumido por vídeos em 2015, e a taxa deve superar 80% até 2021.

O uso de vídeo parece o mais indicado quando existe a expectativa de atingir um grande público na internet, o que reforça a estratégia de representar os discursos por meio do vídeo. E sendo o documentário concebido para a internet, enquadra-se na categoria de webdocumentário de acordo com a definição de Martin Percy<sup>6</sup>.

---

<sup>4</sup> Cisco Systems Inc. é uma empresa estadunidense especializada em roteadores e soluções de conexão em rede, sendo uma das referências na área. A Cisco também desempenha um esforço massivo em pesquisas, como o relatório referido neste memorial.

<sup>5</sup> Podcast é um arquivo digital de áudio próprio da internet de média ou longa duração, geralmente com algum teor informativo, transmitido via *streaming* (online) ou disponível para download.

<sup>6</sup> Cineasta e produtor conhecido pela produção de vídeos interativos para a internet.

## **6. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

### **6.1. QUESTÕES PRÉVIAS: GRAVAÇÃO E DISSEMINAÇÃO DO CONTEÚDO**

Antes de detalhar o formato do webdocumentário e as escolhas que levaram a ele, é preciso esclarecer que preservar a integralidade dos relatos não se limita apenas a sua divulgação, mas começa no próprio ato do registro dos discursos. Era preciso pensar em um número de pessoas e tipos de equipamento que não perturbassem significativamente o ambiente dos entrevistados ou causasse algum tipo de constrangimento. Quanto mais discreta, mais confortável e mais informal as entrevistas, maior a possibilidade de captar discursos emitidos de forma mais espontânea e franca.

Descartada a linguagem escrita, no mínimo seria necessário gravar a voz dos entrevistados e disponibilizar os áudios de alguma forma. Restava decidir quanto à natureza das imagens que iriam compor o produto. Como a intenção era de fazer entrevistas longas, seria inviável manter uma câmera na mão por todo tempo, o que implicaria ou no aumento de material (como um tripé e câmera compatível), ou na expansão da equipe, ou ainda em ambas as situações. Em todo caso, isso afetaria a discrição desejada.

Além disso, no primeiro dia de entrevistas, confirmou-se que as pessoas em situação de rua sentiam-se mais inclinados a gravar seus depoimentos quando havia o compromisso de não gravar imagens deles. Minhas limitações estavam assim desenhadas pelo que exigiam as circunstâncias: uso predominante da voz dos entrevistados, suprimindo ao máximo a intervenção da repórter, e ausência da imagem direta das fontes, fosse por vídeo ou fotografia.

### **6.2. EQUIPAMENTOS E QUALIDADE TÉCNICA**

Sondei algumas pessoas conhecidas que poderiam me ajudar com a produção do webdocumentário e peguei indicações de outras. E o resultado disso foi minha opção de trabalhar sozinha. Gravar em horário comercial durante dias úteis da semana era mais prioritário que a qualidade técnica da gravação do material, e quanto mais pessoas envolvidas

nas entrevistas, mais difícil seria essa disponibilidade. Além disso, uma entrevista a dois me parecia mais íntima que com uma equipe.

Uma vez decidida a trabalhar só, precisei ser realista quanto às minhas possibilidades de equipamento e a decorrente qualidade técnica do meu produto. Para a gravação do som, eu poderia usar o microfone tradicional ou a lapela. O microfone tradicional criaria uma distância formal entre mim e os entrevistados, e como eu pretendia gravar tanto quanto eles quisessem falar, sustentar o microfone por vários minutos seria muito desconfortável. Optei então pela lapela, mesmo sabendo que ela captaria mais do ruído ambiente e que, a princípio, eu não disporia de um ambiente acusticamente isolado para realizar as entrevistas. Resolvi adotar essa implicação como vantagem: em vez de retirar os entrevistados do seu contexto e gravar suas vozes de forma mais limpa, o ruído daria ao público informações adicionais sobre as condições em que eles viviam.

Quanto ao vídeo, levando em conta a determinação de me destacar o menos possível durante a produção do material, decidi-me por usar um *smartphone*. Meu aparelho tem a possibilidade em gravar no formato full HD 1080x720, e mesmo não tendo tanto controle nas configurações da câmera, as imagens teriam qualidade satisfatória para um vídeo disponibilizado na internet.

### **6.3. APURAÇÃO**

À época que comecei a apuração, no final de julho, pretendia dar enfoque específico aos cuidados de saúde mental dedicados a pessoas em situação de rua, mas antes precisava descobrir se eles existiam e como funcionavam. À medida que ia aumentando minha compreensão sobre o tema, porém, percebi que o assunto era muito mais complexo do que eu seria capaz de abordar no tempo que dispunha, considerando minhas outras responsabilidades além da produção do webdocumentário. Preferi deixar a temática da saúde mental para quando puder investir o tempo que a temática exige e optei por abordar um panorama mais amplo no presente produto.

Ao longo de um pouco mais de um mês, contatei pessoas habituadas a lidar com a população em situação de rua para entender um pouco melhor o contexto, entre as quais

destaco membros do grupo Psicanálise de Rua, uma das coordenadoras do Observatório de Políticas de Atenção à Saúde Mental no Distrito Federal, a professora da UnB Maria Aparecida Gussi, e Maria Baqui, responsável pelo BsB Invisível, uma página no Instagram e Facebook dedicada a divulgar relatos de pessoas em situação de rua e mediar a comunicação entre eles e possíveis benfeitores. Também conversei virtualmente com Juma e Barba, embora não tenha conseguido encontrá-los pessoalmente. Ambos viveram em situação de rua e hoje atuam em prol das pessoas que ainda estão nessa realidade.

Por fim, fui ao CAPs AD III — Candango no Setor Comercial Sul, onde iria de fato produzir minha reportagem. Antes de continuarmos, creio ser necessário uma pequena explicação sobre o CAPs e o seu funcionamento. Os CAPs (Centros de Atenção Psicossocial) fazem parte da Política Nacional de Saúde Mental do Ministério da Saúde. Consistem em unidades multiprofissionais que prestam atendimento aberto e comunitário a pessoas em sofrimento ou com algum transtorno mental. Existem seis modalidades diferentes de CAPs, que variam entre a faixa etária do público atendido, o tamanho da população da região onde se encontram e a quantidade de leitos para observação noturna, quando há.

O CAPs localizado no Setor Comercial Sul enquadra-se na modalidade Álcool e Drogas III, funcionando 24h e com atendimento voltado a usuários de álcool e outras drogas, com a possibilidade de acolher até 12 internos. É importante ressaltar que o CAPs, mesmo o Candango, não tem enfoque direcionado a pessoas em situação de rua. Mas pela própria localização da unidade, boa parte do público atendido ali está inserido nesse contexto. Minha primeira visita ao CAPs foi dia 30 de agosto.

Havia uma festa na ocasião para comemorar os sete anos do centro, com campeonato de pingue-pongue, tapioca à vontade e apresentação do coral que ensaia em uma das oficinas promovidas pelo CAPs. Neste dia conversei bastante com Romeu Sérgio, psicólogo do CAPs, para entender melhor a atuação do centro e a realidade em si de pessoas em situação de rua no Setor Comercial Sul.

Gravei alguns vídeos para desincargo de consciência, mas meu objetivo era apenas me familiarizar com o ambiente e o entender melhor. Já nesse dia levantei com o Romeu uma

lista de pessoas com as quais seria interessante eu tentar uma entrevista, mas também percebi que a logística não seria como a de uma reportagem tradicional

Minhas fontes não tinham local nem horário marcado para ficar, e algumas estavam constantemente sob efeito de alguma substância entorpecente. Eu também precisava levar em consideração uma mesma recomendação que recebi de todas as pessoas com quem conversei durante a apuração: não vá sozinha. Renunciar a uma equipe para ter horários mais flexíveis de produção tinha seu lado negativo.

Nesse período da visita do CAPs eu ainda levantava opções de abordagem. Enquanto mantinha contato com o Romeu, simultaneamente tentava apurar um enfoque paralelo no Centro POP com pessoas que teriam nascido em situação de rua e ainda se encontravam da mesma forma.

Mais um breve parênteses, os Centros Pop são unidades da Secretaria Adjunta de Desenvolvimento Social que prestam serviços específicos para a população em situação de rua, como alimentação, local para armazenar pertences, espaço para higiene pessoal e afins. Aqui em Brasília existem duas unidades: uma em Taguatinga e outra no início da Asa Sul.

Passei algumas semanas tentando um horário disponível com o responsável do Centro Pop e também um intervalo no qual Romeu ou outra pessoa do CAPs pudesse me acompanhar nas entrevistas no Setor Comercial Sul. Demorei, mas finalmente entendi que ambos tinham muito trabalho nas mãos e que era muita pretensão da minha parte esperar que eles simplesmente deixassem suas responsabilidades para me acompanhar. Se eu não estava disposta a manejar a disponibilidade de uma equipe de gravação, era um tanto irracional tentar fazer o mesmo com pessoas que não tinham nenhum compromisso com a reportagem além da solicitude da qual eu já começava a abusar. Além disso, meu prazo se encolhia.

Então resolvi pegar um gravador e apareci na porta do CAPs por volta das 10 horas do dia 10 de outubro.

## 6.4. PRODUÇÃO

As entrevistas foram muito mais simples do que eu havia conjecturado. Meu namorado (a quem sou enormemente grata) se colocou à disposição para me acompanhar, então minha consciência estava livre da insensatez de me meter a ir sozinha, coisa que eu não era de todo incapaz. Fizemos um rápido teste do equipamento numa praça no próprio Setor Comercial Sul para entender como o gravador funcionaria em um ambiente externo e, depois de olhar o local, concordamos que o melhor seria tentar fazer as entrevistas no *hall* de entrada do CAPs. Estaríamos abrigados do vento e o som constante de música e anúncios de promoções nas lojas próximas seria minimizado. Além disso, era um ambiente que as pessoas em situação de rua estavam habituadas e já ficavam ali nas proximidades.

O plano de ação era o seguinte: aproximar-nos dos potenciais entrevistados, explicar o que era a reportagem e perguntar se alguém gostaria de falar. Uma vez que a resposta fosse positiva, convidaríamos a pessoa para sentar conosco dentro do CAPs e gravar a entrevista.

Explicamos que o vento atrapalhava a captação do som. A necessidade do microfone causou um pouco de desconfiança em alguns a princípio, mas uma vez feito o compromisso de não filmar seus rostos e preservar a identidade de cada um, o obstáculo estava removido. Levar os entrevistados para dentro também contribuiu para manter a individualidade dos relatos, sem a qual as entrevistas poderiam rapidamente se tornar coletivas (o que fugia tanto ao objetivo quanto à capacidade técnica de captação).

Pela experiência do primeiro dia, posso dizer que o plano funcionou perfeitamente bem. Eu estava ciente que a qualidade da gravação não estava das melhores, mas a voz deles estava audível e era isso que importava. E quanto mais entrevistas conseguíamos, mais fácil era conseguir as seguintes, porque os próprios entrevistados estimulavam seus colegas ou nos indicavam pessoas que estariam dispostas a falar. Além disso, diminuía a inibição inicial de abordar as pessoas.

No primeiro dia conseguimos cinco entrevistas, além de um conhecimento precioso de como funcionava a rotina ali. Não podíamos chegar muito cedo de manhã, porque eles ainda

estariam dormindo, e nem muito depois do almoço, porque eles já estariam mais afetados pelo uso de substâncias químicas. A última entrevista também me levou a uma postura que considero importante nesse sentido.

Eu conheci José Carlos no aniversário do CAPs, e ele me contou um pouco da sua história. Como aconteceu com outras pessoas que conversei naquele dia, ele me pediu ajuda. Expliquei que estava além das minhas possibilidades, mas falei do BsB invisível e como o grupo tentava conseguir a ajuda específica que cada pessoa em situação de rua precisava.

Quando me despedi dele antes de voltar para casa (e era uma situação um pouco constrangedora para mim, pedir licença e ir para casa), José reafirmou mais de uma vez seu interesse em gravar a entrevista e, quem sabe, conseguir alguma ajuda. Vi o José uma segunda vez antes das entrevistas começarem em um *story* do BsB Invisível no Instagram, e fiquei feliz com a possibilidade dele, talvez, ter conseguido a ajuda que esperava. O nome dele estava no meu caderninho na lista de pessoas com quem queria falar.

Eu já tinha juntado o equipamento e estava na porta do CAPs para ir embora quando José subiu as escadas e eu o vi. Perguntei se ele se lembrava de mim e se queria gravar a entrevista. Ele me pareceu um pouco alterado, mas concordou. Quando começamos a gravação, ficou claro que ele estava... Bom, José não estava muito bem. Não posso precisar o que ele tinha, se era uma crise de abstinência, se efeito da medicação que ele estava usando, se alguma implicação do estado esquizofrênico que ele alegava ter.

Não vou dizer que ele falava coisas sem sentido, porque, olhando em retrospecto, há muita lógica no que ele disse. Talvez fossem descabidas para mim e um tanto inverossímeis. Meu instinto, se é que posso chamar assim, era de dar um jeito de encerrar a entrevista, visto que ele estava claramente abalado. Eu percebia pela agitação na perna e pela forma como ele gaguejava e parecia ter dificuldade para ligar as frases. Pela respiração ofegante e o olhar confuso. A coisa mais sensata a fazer parecia dar um fim naquilo, e por um momento eu comecei a pensar na forma mais delicada de fazê-lo. Não queria provocar nenhuma reação mais brusca.

Mas o tempo todo eu mantive meus olhos nos dele, e entendi. O que ele dizia talvez não fizesse sentido para mim, talvez não fosse verdade; mas ali, naquele momento, era verdade para ele. Era o que ele queria contar. E seria muito hipocrisia da minha parte querer convencer a sociedade a escutar pessoas em situação de rua se, no primeiro momento em que a experiência fugisse das minhas expectativas, eu fosse incapaz de fazer o mesmo. Engoli o desconforto, segui com a entrevista e, quando ele terminou, perguntei se havia algo mais. Agradei e fui embora.

Não sei se fica muito pessoal registrar isso aqui. Mas afinal de contas é um memorial, e se há um local apropriado para registrar minhas memórias, deve ser aqui mesmo. Então que fique registrado que a entrevista com o José me entristeceu enormemente, de forma que não há como saber só em ouvir a entrevista dele. Entristeceu-me ver como o estado dele se alterou do momento que eu o conheci até o momento que finalmente registrei o que ele tinha a dizer.

Mas assinalo isso aqui não só como desabafo, mas para explicar que essa última entrevista do primeiro dia me apresentou uma postura imperativa não só de transmitir integralmente, mas de escutar integralmente. Estivesse o gravador ligado ou não. Estando a pessoa lúcida ou não. E muitas das coisas mais fortes que ouvi foram com o gravador desligado, e nem sempre por meio de palavras. Isso, infelizmente, eu não consigo divulgar por meio do meu produto. Mas tentando recriar a experiência que tive ao entrevistar essas pessoas, talvez eu me aproxime desse intento.

Eu poderia escrever muitas outras coisas sobre as entrevistas, e cada entrevistado teve particularidades riquíssimas. Mas essas observações não têm influência tão direta na produção do webdocumentário, então vou me ater ao foco do memorial.

Fim do primeiro dia: cinco entrevistas. Empolgada pela relativa facilidade em conseguir os relatos, estava determinada a conseguir ao menos mais 20. No segundo dia, entrevistei mais quatro. Sendo que ao final da terceira, encontrei com o Romeu e ele me ofereceu uma sala vazia para fazer as entrevistas.

Já estava suficientemente à vontade com o ambiente para aceitar, convencida de que isso não iria constranger meus entrevistados. Não havia notado neles receio em entrar no

CAPs em nenhum momento, e era um dia que o local estava bem movimentado, a ponto de interferir consideravelmente na captação do som. De toda forma, sempre que usei a sala, deixei a porta aberta.

No fim das contas fiz entrevistas por quatro dias e fiquei bem aquém da minha meta inicial, com 12 pessoas. Os motivos foram vários, a começar pela minha própria indisponibilidade de estar no Setor Comercial Sul com a frequência que considerava ideal. Em alguns dias, cheguei a conclusão que só poderia estar lá em horários não tão favoráveis para fazer as entrevistas.

Pensando agora sobre isso, sei que deveria ter ido de toda forma. E em outros dois dias eu fui, mas não fiz nenhuma entrevista. Um foi uma quarta à tarde, onde o CAPS funciona, mas de portas fechadas para as reuniões da equipe — particularidade da qual eu estava ciente, mas tinha me esquecido. Ainda ficamos um tempo ali tentando descobrir se haveria a possibilidade de abrirem o hall para fazermos as entrevistas, mas chegamos a conclusão que não seria bom interferir de tal forma na rotina do CAPs. O clima estava muito chuvoso para fazer as entrevistas lá fora, e pela conversa que tivemos com o vigilante, notei uma certa apreensão no ambiente.

Fui sozinha no dia seguinte, determinada a conseguir alguma coisa. Mas o clima estava um tanto pesado, e o local, deserto. Encontrei-me com o Barba no CAPs e ele me aconselhou a tentar outro dia. Resolvi acatar a sugestão. Quando voltamos, o ambiente ainda estava tenso. Isso foi no dia 22 de outubro, e eu estava um pouco insatisfeita porque era para ter ido no fim da manhã, mas diversas circunstâncias só me permitiram chegar lá no meio da tarde.

Encontrei-me com Andréia na porta do CAPs e ela me contou que uma amiga havia sido esfaqueada algumas horas antes e estava na UTI. Fiquei algum tempo com ela para tentar entender a situação. Não foi um dia fácil. Andréia estava aflita, tentando conseguir localizar a sogra da colega, a única pessoa que teria autorização para vê-la no hospital, posto que a moça não tinha mais família e o companheiro estava preso. Um pouco depois, apareceu uma outra jovem. Ela disse que tinha se informado e que a moça tinha saído da UTI. Tomei isso como

um sinal positivo, e as duas saíram juntas com a missão de chegar até São Sebastião e encontrar a sogra da amiga.

Nesse dia só consegui uma entrevista, porque as pessoas em situação de rua haviam se dispersado com o medo. O ataque tinha sido por volta do meio-dia. O dia seguinte era meu prazo limite para conseguir as entrevistas e começar a edição. Quando voltei ao CAPs, recebi a notícia que a mulher esfaqueada falecera. Encontrei Andréia num ponto um pouco mais distante que o habitual, e entrevistei um rapaz que estava com ela ali mesmo. Havia outros, mas não quiseram falar.

Um em particular demonstrou muito interesse em participar, mas desistiu ao ver o microfone. E pedia insistentemente que o rapaz que conversava comigo saísse com ele. Quando terminei a entrevista e estava para voltar ao CAPs, ele se aproximou e acabou por contar toda sua história para mim e meu namorado, mas sem gravar. Essa conversa entra na categoria de coisas que não poderei transmitir com o webdocumentário.

No CAPs, a maioria das pessoas que abordamos não quis falar ou estava com pressa para sair dali. Reencontrei o Marcelo, que incentivou seus colegas próximos. Foi quando o Pato Rouco concordou e gravei minha última entrevista.

Voltei ao Setor Comercial só depois de transcrever o material — um pouco mais de três horas de gravação — para fazer as imagens. Mantive-me fiel à minha disposição inicial de não gravar pessoas em situação de rua, tanto para preservar a identidade e a imagem deles, quanto para levar o público a procurá-los durante o webdocumentário. Queria retratar a ausência deles, mas de forma menos óbvia que filmar o local vazio onde eles costumavam dormir.

Um pequeno esclarecimento quanto aos meus motivos em não mostrar a imagem dos meus entrevistados. Alguns deles são dependentes químicos e outros tiveram problemas com a lei, o que eu já presumia que viria a acontecer quando comecei as entrevistas. Ambas as condições são acompanhadas por preconceitos e estigmas aos quais não queria expô-los e que, infelizmente, não posso desfazer apenas com o meu produto. Além disso, eu não queria repetir as cenas tradicionalmente vinculadas a pessoas em situação de rua e acreditava na

ausência deles no vídeo como recurso estético capaz de provocar incômodo e uma consequente reflexão no público.

Optei por filmar os locais onde eles não estavam, o movimento contínuo e anônimo da multidão. Conversando com minha orientadora a respeito, foi fácil decidir-me por gravar planos majoritariamente de baixo para cima, estáticos, que se aproximassem mais do ponto de vista habitual das pessoas que vivem nas ruas.

Eu estava ciente do risco de entediar meu público, mas é um risco que estava disposta a correr na expectativa de gerar algum tipo de reflexão. O webdocumentário não foi concebido para ser algo agradável de assistir. Mas isso já entra no processo de edição, do qual tratarei adiante.

A verdade é que eu tinha pouquíssimo tempo para gravar as imagens, uma vez que o trabalho de transcrição das entrevistas e a elaboração do roteiro demorou muito mais do que deveria. Priorizei essas atividades porque a essa altura não tinha certeza se conseguiria entregar o vídeo e queria garantir a matéria de alguma forma, mesmo que só pelo áudio. Talvez (para não dizer certamente) não tenha sido a opção mais inteligente, mas à época eu não sabia disso.

O resultado é que voltei ao Setor Comercial Sul com uma vontade ferina de gravar tudo naquele dia, porque era o que eu tinha para trabalhar. Meu namorado mais uma vez foi uma colaboração indispensável. O celular dele tinha memória e bateria suficientes para gravar um longa-metragem, além da mesma qualidade de registro que o meu e até um maior controle das configurações da câmera. Ele, por sua vez, foi um segurador de mochila exemplar enquanto eu sentava no chão de cinco em cinco minutos, além de responder às perguntas dos curiosos enquanto eu me concentrava para respirar fazendo o menor ruído possível.

Optei por gravar planos entre dois e cinco minutos em boa parte das vezes, garantindo material o suficiente para produzir *teasers* para o YouTube com uma cena única cada. Comecei na calçada de frente ao Pátio Brasil, gravei o plano contínuo descendo até a Galeria e fiz meu caminho de volta com as cenas de interesse. Percebi que o Setor Comercial é bem

maior quando você fica parado ali do que quando você o atravessa apressadamente, e gravar os planos longos consumia meu tempo rapidamente.

A tarde estava quase no fim quando consegui voltar próximo ao CAPs, que ainda não tinha gravado, e foi quando desceu um temporal. Num primeiro momento fiquei bem frustrada, mas imediatamente lembrei de algumas falas do Rosenildo e agradei minha sorte em poder colocar aquilo em vídeo. Sentei no chão e recebi a chuva no rosto até o contador chegar a pelo menos um minuto, pensando em como eles passavam horas naquilo.

Passada a chuva e a luz do sol, fiz mais algumas imagens por ali até finalmente gravar o espaço-garagem de cima, que era minha intenção desde o princípio. Um dos meus entrevistados tinha se oferecido para descer comigo para eu filmar o local, mas das outras vezes que o encontrei, ele estava sempre ocupado, e nesse dia ele não estava lá.

Não pude deixar de notar que alguns pedestres passavam por ali para fugir da chuva, e depois de algum tempo, resolvi me meter lá dentro. Estava muito mais tranquilo do que a outra vez que eu estivera lá anos antes, com um grupo de voluntários que levava comida para usuários — que inclusive, não encontrei durante as gravações. Ao menos pude preservar a identidade deles sem precisar fazer nenhuma manobra extraordinária. Com mais de uma hora registrada na memória do celular, dei-me por satisfeita e saí de lá por volta das 19h.

## **6.5. PÓS-PRODUÇÃO**

A pós-produção é a etapa do audiovisual com a qual tenho mais familiaridade, e talvez por isso, a que foi mais difícil ao longo de todo processo. Tinha nas mãos um material riquíssimo e um desejo enorme de torná-lo conhecido, mas nenhuma certeza da melhor forma de fazê-lo. Comecei com a ideia de segmentar o webdocumentário por episódios: vídeos mais curtos tinham um maior potencial de despertar e manter a atenção do público.

Depois de decupar todas as entrevistas, porém, encontrei uma enorme dificuldade em elaborar narrativas diferentes que fossem unidades em si mesmas. Todos os temas eram correlatos, fosse por semelhança, relação de causa e consequência ou total oposição. Produzir episódios temáticos resultaria ou em vídeos desiguais ou em cortes excessivos no material.

Produzir episódios que pretendessem tocar todos os temas abordados na entrevista e que não soassem repetitivos entre si foi uma tarefa que, sinceramente, não consegui executar. Um episódio para cada dia de entrevista também não funcionaria, dada a irregularidade de produção em cada um. E por fim, produzir um episódio para cada entrevistado criava o risco de dispensar o ouvinte de buscar o relato integral, uma vez que já teria ouvido o que a repórter considerou como o mais relevante.

Para minha surpresa e desespero, cheguei à conclusão que o melhor seria produzir um único vídeo que tocasse todos os temas, apontando os contrastes entre eles com profundidade o suficiente para instigar o público a querer saber mais através dos depoimentos individuais. Tendo eu mesma escutado as entrevistas repetidas vezes, sabia quanto cada discurso acrescentava aos outros. O desafio estava em dispor isso de forma que o público pudesse enxergar as mesmas relações e, principalmente, pudesse construir as próprias.

Sendo franca, devo confessar que até agora não tenho certeza se fui bem sucedida no meu intento. Levei alguns dias para separar falas por assuntos, desenhar mapas mentais e tentar colocá-los em uma linha que eu pudesse reproduzir no vídeo. Tudo me parecia extremamente relevante, e a edição em si já era uma violência ao que eu me propus a fazer no início do projeto.

Sendo impossível suprimir de todo minha interpretação do que ouvi, acabei por sublinhar o que eu chamei de “falas imprescindíveis” de cada entrevistado (um esforço que muito me custou, devo acrescentar) e construí um roteiro tentando costurá-las e apontar seus desdobramentos em contraposição com outros fragmentos das entrevistas. E como precisava de um critério no qual pudesse me pautar, determinei que usaria 100 falas no webdocumentário.

O roteiro está nos apêndices deste memorial, com as indicações de onde cada fala está no vídeo, a duração e em que ponto ela está na entrevista com o locutor. Por meio dele, pude constatar até onde fui capaz de preservar a originalidade dos relatos e onde o processo jornalístico de edição falou mais alto. Apresentarei esse balanço nas considerações finais.

Depois de tratar cada um dos áudios e me conformar que, dada às diferenças de como foram captados, não haveria uniformidade entre eles, concentrei-me na tarefa de decidir como ilustrá-los. Alguns planos eu havia gravado com falas específicas em mente, e parti daí para tentar elaborar uma narrativa visual. Minha ideia era construir uma gradação do que era visto a partir do Pátio Brasil até a Galeria dos Estados, atravessando o Setor Comercial Sul. Outra opção era começar com as filmagens que fiz mais cedo e prosseguir até o anoitecer, mas descartei a possibilidade por não conversar bem com o roteiro que eu já tinha desenhado.

Tarde demais, pensei como seria excelente ter um plano diferente para cada fala, e para minha frustração, acabei por repetir algumas das cenas mais longas — e por repetir, entenda-se cortá-las e distribuí-las em momentos diferentes do webdocumentário. Finalmente consegui preencher todo o áudio com imagens (salvo alguns momentos deliberados onde deixei a tela preta para dar mais ênfase às falas), mas meu senso estético estava longe de estar satisfeito.

Porque se eu estava conformada em não conseguir o máximo de qualidade na captação do material, o mesmo não era admissível quanto à edição, já que era a área que tinha mais domínio. Contudo, meus *softwares* estão um pouco ultrapassados e, ainda que desempenhem relativamente bem suas funções, demoram um tanto para realizar a operação toda. Procurei deixar as imagens um pouco mais frias, ressaltar as sombras (que havia salientado desde a gravação) e estabilizei artificialmente os planos mais instáveis. Foi tudo que meu computador e eu conseguimos fazer no espaço de tempo que dispúnhamos.

## **6.6. DIVULGAÇÃO**

Como colocado anteriormente, talvez de forma excessiva, o webdocumentário é apenas um meio de chamar atenção para as entrevistas individuais. E como o produto foi concebido para circular online, na expectativa de alcançar o maior número de pessoas possível, a divulgação precisa conversar com o público digital. Para tanto, resolvi concentrar

meus esforços nas três redes sociais com maior número de usuários em todo mundo<sup>7</sup>: Facebook, YouTube e Instagram.

O YouTube será a plataforma onde vou disponibilizar os vídeos, dada a facilidade de acesso e compartilhamento. O conteúdo gerado para o Facebook e Instagram sempre irá remeter ao webdocumentário no YouTube ou ao site oficial do projeto, onde estão as entrevistas na íntegra: <https://oquearuafala.wixsite.com/relatosdarua>. Optei por não usar o mesmo título do webdocumentário no site nem nas redes sociais para ter liberdade de ampliar o projeto para outras áreas do Distrito Federal. Assim, caso eu seja bem sucedida nesse intento, o “Setor Comercial Sul” será apenas a primeira página do “Relatos da rua”.

A estratégia adotada é a de gerar interesse e engajamento antes de divulgar o webdocumentário e o site, por meio de *teasers* e trechos curtos das entrevistas que não excedam um minuto de duração, facilitando a visualização nas redes sociais. O conteúdo será majoritariamente composto por vídeos com legenda, de forma a alcançar o público que não esteja com o som das mídias habilitado.

A divulgação começará em 2019, quando poderei incorporar as críticas da banca examinadora ao produto final e também organizar uma primeira exibição do produto no próprio Setor Comercial Sul. Só depois dessa primeira revisão irei inserir as legendas no vídeo e a miniatura que aparece como capa no YouTube. Todos os vídeos usados na divulgação também terão a opção de legenda, para tornar o conteúdo mais acessível. Serão duas semanas de divulgação prévia antes da estreia do webdocumentário, e mais duas divulgando o link do vídeo e do site. O cronograma de postagem em cada uma das redes foi elaborado a partir de dados da Sprout Social<sup>8</sup> sobre os melhores horários para divulgação de campanhas sem fins lucrativos no Brasil.

Mas é importante observar que cada rede social tem particularidades não só no que se refere a horários ótimos de divulgação, mas no tipo de conteúdo comportado. O Instagram

---

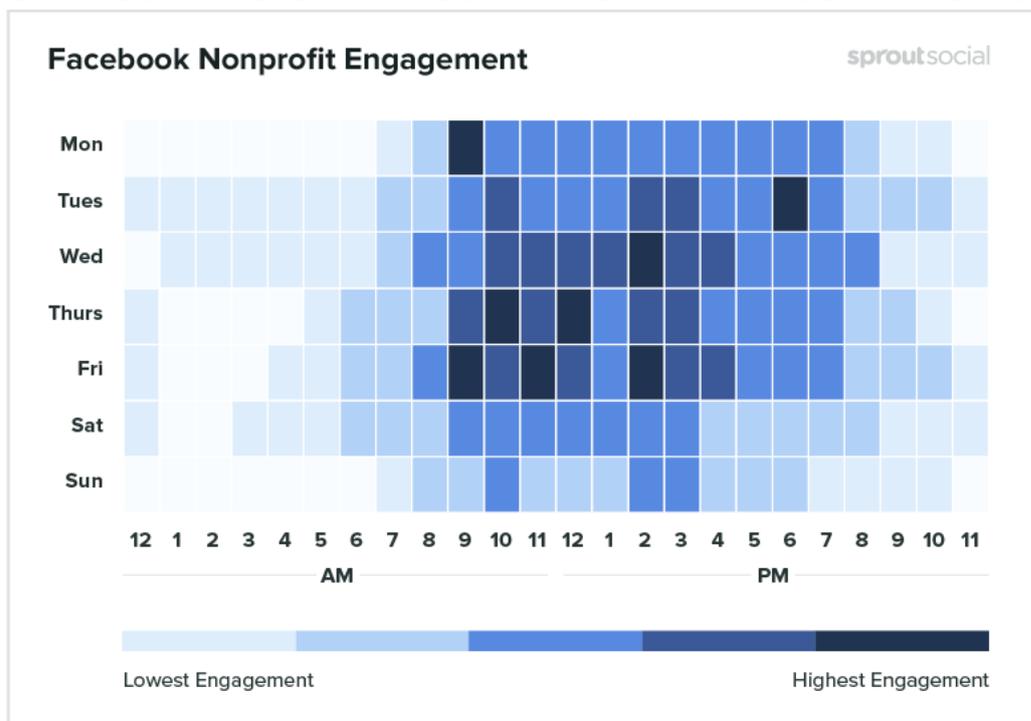
<sup>7</sup> Com exceção redes sociais cuja única função é a de troca de mensagens, como o WhatsApp. Dados retirados da pesquisa realizada pela *We Are Social*. O link para esta e todas demais as pesquisas online estão nas referências do memorial.

<sup>8</sup> Agência estadunidense especializada em coleta de dados em redes sociais. A pesquisa referida aqui foi feita em escala global, e não específica para o Brasil.

trabalha com imagens quadradas no *feed*, tempo máximo de vídeo de um minuto e não permite hiperlinks dentro das postagens. Além de vídeos verticais nos *stories*, que permitem maior interatividade com o público.

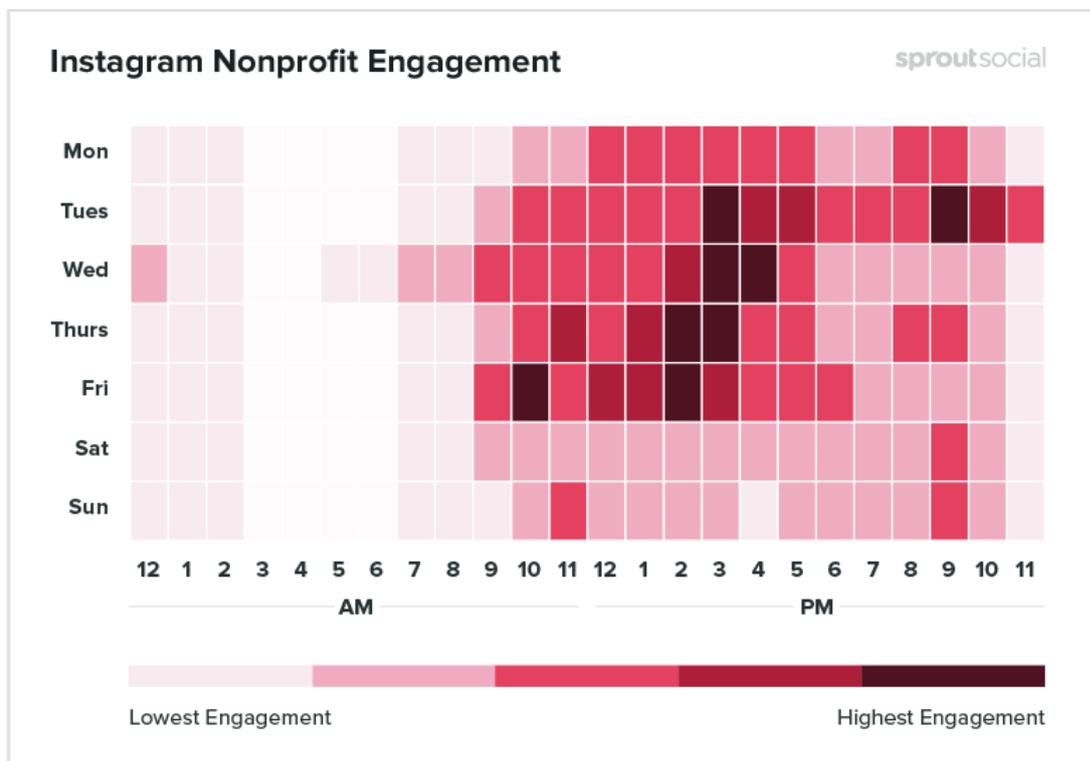
O Facebook apresenta maior liberdade no uso de hiperlinks e nas dimensões de imagem e vídeos que exibe, e o público do Facebook é mais acostumado à leitura que no Instagram. A página do webdocumentário no Facebook será usada para dar informações mais detalhadas sobre a produção do projeto e compartilhar informações correlatas, como postagens do BsB Invisível. A divulgação no Facebook será feita de dois em dois dias, conforme os melhores horários para divulgação apontados no gráfico 1:

**GRÁFICO 1: ENGAJAMENTO SEM FINS LUCRATIVOS NO FACEBOOK**



Fonte: Social Sprout (2018)

## GRÁFICO 2: ENGAJAMENTO SEM FINS LUCRATIVOS NO INSTAGRAM



Fonte: Social Sprout (2018)

Com base nos dados do gráfico 2, a divulgação no Instagram será feita em três postagens semanais com rotação dos dias de postagem. Na primeira semana, a divulgação será na segunda-feira entre 13h e 16h, na quarta-feira, entre 14h e 16h e, na sexta-feira, entre 12h e 15h. Na segunda semana, as postagens serão na terça-feira entre 20h e 21h, na quinta-feira entre 13h e 15h e, no sábado, entre 12h e 15h. Também vamos compartilhar as atividades no Instagram pelo Facebook, uma vez que ambas as redes sociais podem ser linkadas.

O site do projeto funcionará como uma âncora, reunindo o webdocumentário, as entrevistas e todas as informações relevantes em um local de rápida referência, fora do ambiente altamente mutável das redes sociais. Ele está dividido em duas páginas: (1) a inicial, com as informações do projeto e o webdocumentário incorporado diretamente do YouTube; e (2) Relatos, com as entrevistas na íntegra e uma rápida descrição de cada entrevistado. Nessa segunda página está listado o nome verdadeiro dos entrevistados, com a devida permissão dos mesmos. Ao analisar o produto como o todo, busquei preservar a identidade deles, mas não deixá-los anônimos.

## **7. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

É fácil olhar para trás e ver muito dos erros que cometi pelo caminho, principalmente na gestão de tempo e nas tarefas que priorizei em detrimento de outras. Mas acredito ser mais útil e adequado ao propósito deste memorial tomar o produto finalizado e comparar o que consegui concretizar com meu objetivo inicial.

Como a divulgação do webdocumentário ainda não teve início, não posso mensurar o seu alcance até o momento, e o site não dispõe de ferramentas que me permitam saber quantas vezes as entrevistas foram ouvidas (uma autocrítica que pontuo desde já, mas ainda não sei como responder de forma satisfatória). Portanto, ainda não tenho conclusões a apresentar sobre meu objetivo principal.

O que posso fazer é analisar o webdocumentário como está e determinar o quanto eu manipulei as falas dos meus entrevistados para compor o roteiro e quanto da sua originalidade fui capaz de preservar.

Vou pautar a minha análise em dois fatores principais: (1) a proporção de tempo atribuída a cada entrevistado no vídeo em relação ao tempo total das entrevistas, e (2) a quantidade e a disposição das falas no webdocumentário em relação aos intervalos selecionados em cada entrevista.

### **7.1. PROPORÇÃO DE TEMPO DE CADA ENTREVISTADO NO VÍDEO**

O vídeo tem ao todo 32 minutos e 15 segundos, comportando a fala de 12 entrevistados. Se deixarmos de lado dois minutos e 15 segundos para a introdução, créditos e momentos onde há música no webdocumentário, apenas para fins de comparação, para que o tempo de vídeo seja dividido igualmente entre os entrevistados, cada um deveria ter dois minutos e meio de fala ao longo do vídeo.

Na tabela abaixo, está a relação do tempo que durou cada entrevista (sem contar o tempo das músicas, no caso do Davi) e quando tempo cada pessoa falou no vídeo, bem como a porcentagem das entrevista que foi exibida no webdocumentário.

**TABELA 1: DURAÇÃO DAS ENTREVISTAS x TEMPO NO VÍDEO**

Entrevistado	Tempo de entrevista	Tempo total de fala no vídeo	Porcentagem da entrevista no vídeo
Adenilson	9'53"	1'24"	14,16%
Alison	3'48"	0'22"	9,64%
Andréia	10'34"	3'46"	35,64%
Davi	18'46"	2'11"	11,63%
Dionathan	4'47"	0'32"	11,14%
Hugo	9'19"	0'54"	9,66%
José Carlos	12'32"	1'30"	11,96%
Júnior	21'56"	4'09"	18,92%
Marcelo	43'01"	3'27"	8,02%
Ramon	18'32"	3'05"	16,63%
Rosenildo	15'09"	2'03"	13,53%
Vitor	12'43"	3'36"	28,30%

● superior à média de 2'30"  
● superior à média de 15,76%

A porcentagem média de 15,76% foi obtida pela média da soma de todas as porcentagens da última coluna. Pela tabela fica evidente que a Andréia foi quem teve o maior tempo de fala no webdocumentário proporcionalmente à duração da sua entrevista. Os outros quatro entrevistados com informações em destaque também foram mais contemplados que os demais. Portanto, não dei o mesmo espaço de fala a cada uma das pessoas com quem conversei.

Não era meu objetivo, porém, alcançar tal equidade na distribuição do tempo. Pareceu mais apropriado distribuir o tempo de fala de acordo com o tamanho das entrevistas: quem teve mais tempo de entrevista, deveria ter proporcionalmente mais tempo de fala no webdocumentário. Vamos ver como (e se) isso se concretizou na prática:

**TABELA 2: TEMPO DE ENTREVISTA X TEMPO DE VÍDEO**

<b>Entrevistado</b>	<b>Mais tempo de fala de entrevista</b>	<b>Mais tempo de fala no vídeo</b>
Adenilson	9º	9º
Alison	12º	12º
Andréia	8º	2º
Davi	3º	6º
Dionathan	11º	11º
Hugo	10º	10º
José Carlos	7º	8º
Júnior	2º	1º
Marcelo	1º	4º
Ramon	4º	5º
Rosenildo	5º	7º
Vitor	6º	3º

Para respeitar a proporcionalidade desejada, os números das duas colunas deveriam coincidir em todos os casos. Em  $\frac{1}{3}$  das entrevistas, consegui respeitar a proporção ideal, e em outro  $\frac{1}{3}$ , a diferença das colocações é igual ou inferior a 2. Andréia e Vitor tiveram uma participação perceptivelmente maior no vídeo do que os outros entrevistados, enquanto Marcelo, que teve a entrevista mais longa, foi o quarto em participação, e Davi caiu três posições em relação ao seu tempo de entrevista. José Carlos, Rosenildo e Ramon também tiveram sua participação reduzida no webdocumentário, mas de forma menos expressiva que Marcelo e Davi.

Ainda que não tenha conseguido respeitar matematicamente o que seria uma distribuição de tempo justa entre todos os entrevistados, considero as discrepâncias toleráveis, uma vez que a duração das entrevistas não é o único fator que levei em consideração ao escrever o roteiro. Minha prioridade foi sobretudo em expor os temas que os entrevistados trouxeram de forma consistente para cativar o interesse do público na totalidade do que cada um tinha a dizer.

Questão mais delicada e mais grave diz respeito à edição dos discursos em si, em relação aos cortes e distribuição ao longo do vídeo. É o que veremos adiante.

## **7.2. MANIPULAÇÃO DE CORTES E ORDENAÇÃO**

Ao elaborar o roteiro, como citado acima, comecei dispendo as principais falas de cada entrevistado e tentei criar ligações entre elas ao agrupar trechos com temas comuns ou opostos, de acordo com a necessidade da narrativa. Nesse processo, nem sempre consegui respeitar a ordem cronológica de cada entrevista — por vezes, aparecia primeiro a fala que um entrevistado deu no final da sua entrevista e, mais adiante, outra que ele disse no início. E no processo de corte e agrupamento das falas, também aconteceu de juntar trechos de diferentes pontos de uma entrevista como se ditos na sequência. Todas essas informações são compreensíveis a partir do referido roteiro de áudio, mas procurei sintetizar esses apontamentos nas tabelas que seguem.

Para que fique claro, “fala” é cada colocação contínua do entrevistado no vídeo, independente de quantos ou quais trechos da sua entrevista foram utilizados para compor a mesma. “Intervalo” é um trecho de uma entrevista individual. Consequentemente, um entrevistado pode ter mais intervalos do que falas no vídeo, uma vez que cada uma de suas falas pode ser composta por mais de um intervalo da sua entrevista.

No universo ideal, sem nenhuma manipulação dos discursos, o número de intervalos de cada entrevista utilizados no webdocumentário seria igual ao número de falas, e a ordem das falas seguiria a mesma ordem dos intervalos selecionados. Mas para manter a estrutura lógica da narrativa, e com o intuito de manter um nível de coesão e concisão que prendessem a atenção do público, não poucas foram as alterações feitas nesse sentido:

**TABELA 3: Nº DE FALAS NO VÍDEO x INTERVALO DAS ENTREVISTAS**

Entrevistado	nº de falas no vídeo	intervalo médio entre as falas	nº de intervalos da entrevista no vídeo
Adenilson	5	22,75	6
Alison	2	4	3
Andréia	9	11,5	17
Davi	8	10,28	13
Dionathan	3	16,5	5
Hugo	5	19,25	7
José Carlos	4	14,25	7
Júnior	14	5,64	20
Marcelo	14	5,66	20
Ramon	16	6,15	22
Rosenildo	7	13	10
Vitor	14	5,23	22

● diferença superior à metade do nº de falas.

Ao editar as entrevistas, eu estava ciente que deixá-las exatamente como estavam seria uma opção perigosa dada a natureza majoritariamente estática das minhas imagens. Tempo de respiração, repetição natural de palavras e maneirismos orais ficariam mais evidentes no vídeo, e poderiam cansar o público. Também excluí os momentos que minha voz foi captada pelo microfone. Para dizer o mínimo, não fui capaz de me esquivar de todo da prática jornalística da edição e deixar os áudios tal como os gravei. Não considero isso ruim, porém, pois estava a serviço do objetivo principal de cativar e manter o interesse do público nos discursos.

A coluna do meio da tabela aponta a média de quantas vezes outros entrevistados eram ouvidos antes de voltarmos a escutar a voz de uma mesma pessoa, o que permite ver o quão diluído ou quão concentrado cada um dos discursos esteve no vídeo. Adenilson e Hugo foram os que tiveram participações mais pontuais, enquanto Júnior, Marcelo e Vitor eram escutados com maior recorrência (além do Alison, que só teve duas falas no webdocumentário).

Mas o que realmente chama atenção na tabela acima é o número considerável de intervenções que fiz nas entrevistas em relação aos momentos de fala no vídeo. Os casos em destaque são os mais evidentes: o número de alterações foi superior à metade do número de falas original, o que aconteceu em quase metade das entrevistas. É um indicador expressivo do quanto manipulei (no sentido de manuseio, não de distorção) os discursos dentro do webdocumentário, mas a interferência fica ainda mais clara quando comparamos a ordem cronológica do que foi abordado nas entrevistas com a que foi disposta no vídeo.

Cabe aqui recordar a diferença entre as falas e os intervalos: estes são os cortes diretos da entrevista, enquanto aquelas são elaboradas a partir dos intervalos. Vou tratar especificamente do caso da Andréia para ilustrar o conjunto, e deixarei os dados dos demais entrevistados nos apêndices para análise.

**TABELA 4: ANDRÉIA - CRONOLOGIA**

<b>Andréia</b>		
<b>ordem no vídeo</b>	<b>cortes na entrevista</b>	<b>ordem na entrevista</b>
1º	0'16" a 0'31"	1º
2º	6'08" a 6'10" / 6'13" a 6'14" / 6'21" a 6'27" / 7'03" a 7'13"	7º, 8º, 9º, 10º
3º	7'22" a 7'24" / 7'28" a 7'50"	11º, 12º
4º	5'16" a 5'29" / 5'33 a 5'58"	5º, 6º
5º	8'03" a 8'31"	13º
6º	4'25" a 4'33" / 8'50" a 9'15"	4º, 14º
7º	2'52" a 2'59" / 3'02" a 3'24"	2º, 3º
8º	9'20" a 9'42"	15º
9º	9'42" a 9'56" / 10'29" a 10'34"	16º, 17º

Na segunda coluna da tabela está a localização aproximada de cada trecho na entrevista que foi utilizado para compor a fala correspondente. A diferença entre a ordem do que a Andréia falou e a ordem que eu apresentei suas falas no webdocumentário é expressiva. A segunda fala dela no vídeo só aconteceu da segunda metade para o final da entrevista, enquanto sua antepenúltima fala está no começo da entrevista.

Considero essa última tabela a mais significativa para indicar o quanto eu interfeirei no discurso dos meus entrevistados. Enquanto muitos dos cortes foram para suprimir momentos de silêncio ou minha própria voz fazendo perguntas, o que gerou falas compostas por vários intervalos, a ordem dessas mesmas falas no webdocumentário respeitou muito pouco a ordem do que foi dito na entrevista.

No fim das contas, os dados demonstram que priorizei mais a apresentação dos temas que a integralidade das entrevistas ao elaborar o webdocumentário. Caso ele cumpra seu propósito de atrair o interesse para as histórias individuais das pessoas com quem conversei, as concessões que fiz irão pesar um pouco menos nos meus ombros. Mas estou ciente que poderia ter conduzido este produto de forma mais coerente com o objetivo principal do projeto, e não descarto a revisão completa do vídeo, após o exame da banca, antes de começar a divulgação.

## 8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Luana Padilha; COSTA, Samira Lima da e MARQUETTI, Fernanda Cristina. **A rua tem um ímã, acho que é a liberdade: potência, sofrimento e estratégias de vida entre moradores de rua na cidade de Santos, no litoral do Estado de São Paulo.** Saude soc. [online]. 2014, vol.23, n.4, pp.1248-1261

Associação Brasileira de Podcasters, CBN. **PodPesquisa 2018.** Disponível em <<http://abpod.com.br/wp-content/uploads/2018/10/PodPesquisa2018.pdf>> Acesso em 09. nov. 2018.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. **Sumário Executivo da Pesquisa Nacional sobre a População em Situação de Rua.** São Paulo: Meta Instituto de Pesquisa de Opinião, 2008.

Cisco Systems. **Virtual Network Interface (VNI) Global Fixed and Mobile Internet Traffic Forecasts (2016 to 2021).** VNI Forecast Highlights Tool (Brazil). Disponível em <[https://www.cisco.com/c/m/en\\_us/solutions/service-provider/vni-forecast-highlights.html](https://www.cisco.com/c/m/en_us/solutions/service-provider/vni-forecast-highlights.html)> Acesso em 07. nov. 2018

FAGUNDES, Maria Cristina de Jesus; ZANDONADE, Vanessa. Conceito de Documentário In: \_\_\_\_\_. **O vídeo documentário como instrumento de mobilização social.** Texto da Biblioteca Online de Ciências da Comunicação. Disponível em <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/zandonade-vanessa-video-documentario.pdf>> Acesso em 09. nov. 2018.

FERRARI, Maria Helena; SODRÉ, Muniz. **Técnica de Reportagem: notas sobre a narrativa jornalística.** 6. ed. São Paulo: Summus, 1986

GATTI, Bruna Papaiz; PEREIRA, Camila Potyara (Orgs.) **PROJETO RENOVANDO A CIDADANIA: Pesquisa sobre a População em Situação de Rua do Distrito Federal.** Brasília: Gráfica Executiva, 2011.

Hootsuite, We Are Social. **Q4 Global Digital Statshot report (2018)**. Social platforms: active global accounts. Disponível em <<https://wearesocial.com/blog/2018/10/the-state-of-the-internet-in-q4-2018>>. Acesso em 09. nov. 2018.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Brasil em Síntese: Distrito Federal**. Disponível em <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/df/panorama>>. Acesso em 11. nov. 2018.

NICHOLS, Bill. **Introduction to Documentary**. Bloomington: Indiana University Press, 2001. Disponível em: <<http://skola.restarted.hr/wp-content/uploads/2014/06/Bill-Nichols-Introduction-to-documentary.pdf>>. Acesso em: 09 nov. 2018.

PENAFRIA, Manuela. **O ponto de vista no filme documentário**. Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação, 2001. Disponível em <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/penafria-manuela-ponto-vista-doc.pdf>> Acesso em 09. nov. 2018.

RESENDE, Viviane de Melo. **Literatura de cordel no contexto do novo capitalismo: o discurso sobre a infância nas ruas**. Dissertação de mestrado (Linguística). Universidade de Brasília, 2005.

RESENDE, V. M. (2016). **Representação de pessoas em situação de rua no jornalismo online: quais são as vozes convocadas para falar sobre a situação de rua?** Revista de Estudos da Linguagem. 26(3), pp. 955-988.

ROCHA, Leonardo Coelho. **O caso Ônibus 174: Entre o documentário e o telejornal**. 2004. Texto da Biblioteca Online de Ciências da Comunicação. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/rocha-leonardodocumentario-telejornal.html>>. Acesso em 09. nov. 2018.

SANTOS, G. P. **O jornal Aurora da Rua e o protagonismo na situação de rua: um estudo discursivo crítico**. 2013. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade de Brasília, 2013.

Secretaria Adjunta de Desenvolvimento Social. **Centro de Referência Especializado para População Em Situação De Rua – Centro Pop.** Disponível em <<http://www.sedest.df.gov.br/centro-pop/>>. Acesso em 08. nov. 2018.

Secretaria Especial de Comunicação Social — Departamento de Pesquisa de Opinião Pública. **Pesquisa Brasileira de Mídia 2016: hábitos de consumo de mídia pela população brasileira.** Disponível em <[pesquisademidia.gov.br](http://pesquisademidia.gov.br)> Acesso em 09. nov. 2018.

SHOEMAKER, Pamela J.; VOS, Tim P. Introdução: o significado de *gatekeeping* In: \_\_\_\_\_. **Teoria do Gatekeeping: seleção e construção da notícia.** São Paulo: Penso, 2011. cap 1, p. 23-37.

UNIT9. **Martin Percy: The Internet Native Filmmaker’s Manifesto.** 2011 (48m2s). Disponível em <<https://vimeo.com/34021034>>. Acesso em 09. nov. 2018.

WOLF, Mauro. Da sociologia dos emissores ao *newsmaking* In: \_\_\_\_\_. **Teorias da Comunicação.** 8. ed. Lisboa: Presença, 2003.

YORK, Alex. **Best Times to Post on Social Media: 2018 Industry Research.** Disponível em <<https://sproutsocial.com/insights/best-times-to-post-on-social-media>>. Acesso em 30. out. 2018.

## 9. APÊNDICES

### 9.1. ROTEIRO DE ÁUDIO

Obs.<sup>1</sup>: “Localização” refere-se à localização dos intervalos dentro da entrevista.

Obs.<sup>2</sup>: A localização e a duração das falas e intervalos pode não coincidir precisamente com as entrevistas na íntegra. Ao preencher o roteiro, eu estava com a cópia das entrevistas abertas e já efetuando o corte e montagem das falas, o que pode ter alterado o ponto de referência da localização. A tabela abaixo era mais uma orientação para manter a ordem das falas e poder fazer as análises que apresentei nas considerações finais.

Posição	Entrevistado	Fala	Localização	Duração
1	Andréia	“Eu vim pra Brasília pra tentar uma... pra tentar uma melhor perspectiva, tentar uma vida nova. Enfim, em busca de sonhos. Que diga-se de passagem hoje já se tornou pesadelo.”	0’16” a 0’31”	14”
2	Dionathan	“Na rua eu vivo três anos na rua.”/ “É porque acabou meu casamento com a mulher que eu tinha, sabe? De vida de bebida, álcool, drogas e revolta, aí nós acabou se separando.”	0’35” a 0’38”/ 0’43” a 0’52”	12”
3	Hugo	“Tô aqui há cinco meses.” / “Na verdade eu tava de passagem, tava indo pro Amazonas. Eu parei em Brasília, fiz alguns amigos aqui, aí surgiu umas oportunidades de trabalho, aí fui ficando.”	0’09” a 0’11” / 0’18” a 0’27”	8”
4	Adenilson	“Eu vou te falar quatro e você vai me responder um. Existe o mendigo, o morador de rua, que é o morador que mora aqui, existe o trecheiro, o andarilho. O quinto você sabem quem é? É aquele que entra no seu meio para estragar quem mora na rua. O traficante”.	0’23” a 0’44”	21”

5	Júnior	“Que meus amiguim, foi morrendo tudo novim, aí os cara falo ‘passa’ dos quinze é mal’. Aí graças a Deus até hoje nois ainda tá vivo. Veio eu e meu irmão vende droga bem ali “no inferninho do lado do conjunto nacional.”	0’31” a 0’45”	14”
6	Davi	“Uma doença que fala é déficit de atenção, uma coisa assim?”/ “Eu tinha isso na época”, / “e nessa peleja de querer fazer isso me dava sono e eu acabava dormindo na carteira. E isso me deixava muito chateado porque eu queria acompanhar todos os alunos naquela frequência legal e eu não conseguia. E isso também contribuiu pra eu ir pra rua.”	3’28” a 3’33/ 3’38” a 3’40 / 3’49” a 3’55”	12”
7	Alison	“Ah, é tranquilo, a cidade. Fiz amizade com todo mundo, todo mundo me conhece, o pessoal do trabalho aqui todo, mundo gosta de mim.”	1’26” a 1’32”	6’
8	Rosenildo	“A diferença que aqui em Brasília, aqui é tranquilo, né?” / “Eu acho bom assim, tem muitas árvore, é manga. Aí eu gosto dessas coisas, lá não. Lá é prédio pra todo lado, prédio. Aqui é legal. De manhã os passarinhos cantando né?”	1’04” a 1’06” / 1’33” a 1’46”	14”
9	Marcelo	“A gente tem uma noção totalmente errada de como é a rua.” / “Eu vou lhe falar como é que foi minha experiência na rua em albergue.” / “Nessa época tinha mais de 500 pessoas só num local. Quando eu olhei no primeiro momento, a minha primeira impressão que foi foi uma cidade, um bairro escondido é ali dentro. Família, cachorro, cão, gato, galinha, tudo tinha. Então fiquei assustado com aquilo, não tinha noção. Então com o tempo fui me acostumando.”	1’44” a 1’49” / 1’51” a 1’55” /	24”

10	Ramon	<p>“Tem certos abrigos que eu mesmo eu prefiro ficar na rua. Tanto pela questão de higiene, tem uns lugares insalubres, vou falar bem assim. Tem percevejo, pessoas lá dentro também, internos que dá trabalho. Na rua eu me sinto mais livre.</p>	8'49" a 9'01"	11"
11	Davi	<p>“Aí com o tempo nós começou a fazer caixinha de natal, começamos a gostar da dinâmica da rua.” / “E eu comecei a ficar na rua rua fui gostando dessa liberdade e cheguei a ficar 18 anos.</p>	2'23" a 2'29" / 2'42" a 2'49"	13"
12	Alison	<p>“Eu vejo dificuldade de nada. Que eu não como comida.” / “É lanche, pizza, salgado, é só esses trem enjoativo mesmo que eu como. Então na parte de alimentação essas coisas pra mim não tem dificuldade. Banho eu tomo aqui no caps. Dormir eu durmo aí de fora mesmo na coberta, né?í.”</p>	2'27" a 2'30" / 2'32" a 2'43"	16"
13	Vitor	<p>“O que eu mais sinto falta? Comida fácil.” / “Sinto falta de roupa também. Eles ganham doação de roupa. Eles vão na Igreja eles ganham várias cestas básica, então, na noite, na abstinência eles vendem, por uma pedra de crack.”</p>	3'40" a 3'43" / 4'03" a 4'14"	14"
14	Rosenildo	<p>“Tem muita coisa que as vezes você é humilhado. Mas não pode desistir não, que você precisa daquilo. Às vezes o cara precisa comer, às vezes o cara que bebe cachaça precisa beber. Então ele tem que pedir dinheiro, né.. Aí a pessoa não pode desistir. Que se desistir é pior.”</p>	4'41" a 5'03"	22"
15	Júnior	<p>“A vida tá loca, e a rua tá perigosa aí, Pelo menos a gente vive um dia de cada dia. Que eu tô vivendo hoje, posso morrer hoje. Então eu não sei o dia de amanhã, né? Então a realidade da vida é esse, a gente tem que cuida da vida da gente que tem.” / nos luta é tudo, nós e na rua mais nois é</p>	5'06" a 5'22" / 7'34" a 7'50"	22"

		lutador também, nois tem que gladiar pela vida		
16	Ramon	“Um pouco da violência, um pouco da falta de respeito, da falta de educação. Que é difícil de sair essas coisas que acontecem com você diariamente sai de você tão fácil.	11'59" a 12'07	10"
17	Vitor	“Porque sua vida não é dentro de casa, sua vida é na rua.” / “Você trabalha fora da sua casa, você vive fora da sua casa. Então as pessoas se limitam também a isso. Tudo que você trabalha, tudo que você consegue é fora da sua casa.”	6'33" a 6'36" / 6'45" a 6'52"	10"
18	Marcelo	nao vou lhe mentir nao. 18 anos, cheguei em brasilia em 2007, trabalhei aqui fichado, em sobr 1, sou vigilante. eu trabalhei fichado. mas depois que eu comecei a beber engatei mesmo conheci essa vida de rua ai do jeito que ela é as facilidade em termo pra se srogar, pra se alcoolizar. nao tem ninguem pegando no meu pe. eu chego em qualquer canto eu durmo, eu me jogo.	17'04" a 17'25"	20"
19	Davi	“Então o que me fez ficar indo e voltando foi a questão de experiência, né? Porque a rua é muito rica de informação. A pessoa que vive na rua e que tem um bom coração consegue captar muitas coisa boa.”	18'24" a 18'37"	13"
20	Hugo	“É uma aventura. Porque o tempo todo você se surpreende com pessoas, com lugares, com histórias. Tá valendo a pena.” / “É um bom lugar. Acho que é um lugar de grandes oportunidades.”	3'15" a 3'22" / 2'25" a 2'27"	9"

21	Dionathan	As pessoas têm mais disposição para ajudar, né? Elas têm mais um pouco de humanidade, tem humanidade. Elas abrem o coração e ajudam ou abrigam, dão um tipo de oportunidade.”	2’01” a 2’11”	9”
22	Marcelo	porque é um setor comercial, o nome ja fala, setor comercial. se tem comercio, o que que rola qui dentro? dinheiro. entao um ponto comercial que rola dinheiro, facilidade pra voce conseguir alguma cosia. e o comercial aqui e bom por causa disso. tem os restaurante e as pessoa que podem lhe ajudar. lhe ajudar aquilo que eles precisam. nao vou nem lhe explicar o que é que é, mas por meio do dinheiro consegue tudo, tu sabe disso	21’08” a 21’20” / 22’38” a 22’45”	18”
23	Hugo	“A questão da droga aqui é muito forte. O acesso é muito mais fácil que em outras cidades. Aqui tá quase que na mão, né? A pessoa não tem que andar pra muito pra alcançar esse tipo de substância.”	2’48” a 3’0”	11”
24	Vitor	“A sociedade tá organizada. Não tem mais um traficante ali na esquina ali não. Hoje em dia tem whats app, tem vários tipos de meio. Então esse tipo de coisa é de noite, na madrugada, quando a cidade dorme.” / “Nem carro pode ficar na rua. Quanto mais um ser humano. Um carro, é de lata, não pode ficar na rua. Imagine um ser humano, no frio, exposto a vários tipos de coisa.”	5’52” a 6’02” / 6’14” a 6’25”	21”
25	Ramon	Também tô com 27 já, quando eu vim pra rua eu tinha 18. Então o tempo vai passando e você vai vendo que o dia a dia muitos amigos meus morreram.” / “Muitos amigos meus esfaqueados aqui, esfaqueados no hospital, às vezes sem motivo. Às vezes a pessoa tá bebendo, não vai com a sua cara e arruma confusão. É	5’35” a 5’45” / 12’44” a 12’59”	19”

		uma questão mesmo de segurança”.		
26	Júnior	“Porque quando escurece, só Deus mesmo pra vigia nois, pai. Que o bagulho é chapa quente. De dia ainda é de boa, mas escureceu... Ou você bota uma faca na cintura ou você bota uma barra de ferro na mão, se não... o problema é grande.”	15'54" a 16'11"	17"
27	Ramon	Pode ligar pro SAMU, pode pedir ajuda pro um policial, pro um hospital. Pra nós essa ajuda sempre demora mais que pra outra pessoa, um cidadão com uma casa. Pra gente demora mais.	0'20" a 0'27"	7'
28	Vitor	“Acho não, tenho certeza que eles não querem sair da rua porque eles não teriam o que eles tem na rua. Comida, bebida e vários tipos de auxílio. Porque uma pessoa mesmo que não tá em situação de rua, ela não consegue atendimento no médico, tem que pegar a fila. Um que tá na rua, já tá lá, sendo atendido e medicado automaticamente. E até mesmo a carteira que eu fiz de identidade, como eu tava em situação de rua, eu não paguei. Então são vários benefícios que a pessoa em situação de rua tem que ela não quer sair da rua.”	2'24" a 2'53"	28"
29	José Carlos	“Em Brasília já tem 6 meses que eu tô correndo atrás do meu benefício que é o LOAS, o PPC que é pra pessoa com deficiência, que eu tenho deficiência, tenho transtornos mentais, tomo remédio controlado pra esquizofrenia.” / “Então eu tô correndo atrás do benefício, tá tudo na mão do adevogado. E eu tô correndo atrás dos	3'31" a 3'42" / 4'00" a 4'12"	22"

		meus direitos, eu quero meus direitos de cidadão, porque agora eu não só mais um detento, eu sou um cidadão.”		
30	Júnior	“Eu tentei Eu arrumei um emprego, o cara deixou eu trabalhando dois mês e pouco, mas quando ele ficou sabendo que eu tinha tirado uma cadeia ele mandou eu embora porque ele falou que não podia suja o nome da empresa dele.”	3’05” a 3’17”	12”
31	Ramon	“um ano preso, amadureci bastante que eu sofri muito lá dentro”. / “E foi um ano que eu fiquei fora das ruas, sem usar droga.” / “Então eu acho que certos males que vem pra bem.	4’47” a 4’51” / 4’54” a 4’57” / 5’07” a 5’10”	10”
32	José Carlos	“Fiquei oito anos preso por homicídio, sequestro que me acusaram de ter cometido. E lá dentro eu sofri abuso sexual, né, fui estuprado, né, fui torturado, cárcere privado, danos morais que causaram contra mim.	1’46” a 1’59”	12”
33	Júnior	“Oshe, ce é doido? Eu quero viver minha vida, sofri demais na cadeia. Nem trafica nem rouba eu to roubando não.” / “É um bagulho que cê é doido é? Morar 18 cara num quadrado desse aqui, ó. Aqui deita um aqui, outro aqui, ai O resto que se vira. Tem que furar buraco na parede, pendurar rede, fechar o banheiro pra dormir em cima. Se é doido é? To de boa.”	5’44 a 5’51” / 6’42” a 7’01”	26”
34	Marcelo	“passei dois meses ali dentro. cara, ali não é lugar de gente. é tipo assim, quem não é daqui, que não tem parente aqui é o cara pedra, é o cara que não tem nada.	38’10” a 38’12” / 38’15” a 38’17” / 38’28” a 38’36”	12”

35	Júnior	Não é porque eu roubei, trafiquei, matei, tá ligado, meu velho? Pô, respeita a gente, arruma um emprego pra nois tentar mudar de vida. Mas não, me discrimina, pô. Isso que eu acho errado, porque nóis tirou uma cadeia acha que nois vai roubar.”	9’25” a 9’42”	16”
36	Dionathan	“Eu tô querendo só um emprego, na verdade.” / “Falta pra mim só isso, pra mim pegar e sair e me encaixar na vida e vive socialmente igual todo mundo vive social.”	2’17” a 2’20” / 2’24” a 2’31”	10”
37	Ramon	“É difícil também pelo seguinte. Eu quero sair da rua. Tudo que eu tenho que fazer, é tanta coisa que pede comprovante de residência. Eu querendo sair, precisando de um emprego e pra conseguir eu preciso ter comprovante de residência”	7’38” a 7’49”	11”
38	Rosenildo	“Quando arrumo um serviço, aí alugo uma casa, fico de boa. Mas quando eu tô desempregado aí não tem como né? Como que cê vai pagar o aluguel? Aí eu fico na rua.”	2’40” a 2’53	13”
39	Júnior	“Mas direto eu vou pra casa. Quando eu ganho um dinheiro pra ajudar minha irmã, aí eu chego lá dou 100, uma cesta básica. Aí eu fico em casa de boa, mas quando não tem.. Ir pra lá só pra da trabalho? Ela já tem 3, aí mais 1, aí também não dá né, mãe?”	4’42 a 4’59”	15”
40	Marcelo	Perdendo os empregos, a família começou a se afastar. então veio muitos problemas. a família se afastou. então por opção própria eu preferi ficar na rua. larguei família de mão, minha opção agora é ficar na rua.	1’16” a 1’19 / 1’24” a 1’32”	10’
41	Andréia	“Sim, tenho dois filhos.” / “Ficaram em Natal.” / “Desde de ano passado que eu não ligo, não... desde ano passado.” / “Eu evito. Eles sofrem né? Sentem e pra mim também é difícil sustentar essa situação.”	6’08” a 6’10” / 6’13” a 6’14” / 6’21” a 6’27” / 7’03” a 7’13”	18”

42	Marcelo	“Sempre tive raiva dele.” “Sou filho de pais separados. arrumou a outra familia. mas toda vez que vou la e troco uma ideia com ele, eu me sinto be, ce acredita?”	28’12” a 28’26”	13”
43	Ramon	Eu não quero ir pra casa da minha mãe. Tô numa idade que é pra eu ter uma casa, quero ter uma família, constituir família, entre outras coisas. E essa mudança não é da água pro vinho.	3’00” a 3’12’	11”
44	Vitor	“Tanto que eu saí da rua mas a rua não saiu de mim, tanto que eu tenho saudade de ficar na rua. Porque o pessoal não passa necessidade. Não tem fome, não tem frio, e só que saciar o luxo de usar a droga.”	0’45” a 0’59”	14”
45	Davi	“Filho de juiz, filho de civil, de pm. São pessoas também que já conheci na rua. A única diferença dele pra uma outra pessoa que não tem condição, é que ele sai mais rápido pela condição que o pai tem.”	18’56” a 19’00	4”
46	Marcelo	e o governo vai ter condição de cuidar dessa pessoa ate o ultimo dia da vida dele? porque ele vai viver. ele ta comendo, ta dormindo, ta banhando, ta se alimentando. só não ta perturbando quem ta la fora, mas tá se dopando aqui dentro. ta tipo assim vegetando na droga. entendeu meu raciocinio? isso é solução?	7’24” a 7’44	20’
47	José Carlos	“Tô internado já tem 8 dias. E eu tô em tratamento, tomando os remédios, né?” / “Depois que eu sair daqui vou ter que ir prum lugar pra um abrigo né? Pra não voltar pra rua, se não esses seis meses que eu tô fazendo acompanhamento aqui eu tava na rua”.	0’10” a 0’15” / 0’33” a 0’43”	14”

48	Marcelo	<p>“Então eu preferi sair daqui, eu não vou trocar uma droga por outra. a droga que eu usava eu sabia mais ou menos lidar com ela. essa que me apresentaram aqui, eu não sabia. eu tava vegetando praticamente” / “Eu tô tipo anulando você. Tô te deixando daquela forma ali pra você não dar trabalho. to te dopando pra voce ficar calmo. ta me entendendo o raciocinio? to te anulando, é menos um.”</p>	6'37" a 6'49" a 6'56" a 7'11"	14"
49	Ramon	<p>“E hoje em dia mesmo que quero muito mesmo é uma oportunidade pra eu agarrar ela de verdade, e sai. Então eu falo pra você. Qualquer pessoa que você vê na rua não tá feliz nela e não quer ficar nela, e não veio pra ela de vontade livre e espontânea” / “E a pessoa quer sair. Só que tem muitas dificuldades, muitas que ele mesmo coloca,” / “Mas querer, ninguém quer ficar na rua.”</p>	17'09" a 17'24" / 17'30" a 17'35" / 17'40" a 17'43"	20"
50	Vitor	<p>“As oportunidades são muitas. Muitas. Dinheiro fácil, ó, lavar carro.” / “Engraxate. Então tem vários tipos de trabalho na rua, tipos de trabalho na rua. Vários tipos de trabalho na rua. Então elas conseguem dinheiro com tudo, com tudo. Aqui em Brasília, assim, a rua tá favorável.”</p>	7'04" a 7'10" / 7'19" a 7'30"	16"
51	Rosenildo	<p>“Os cara rouba todo dinheiro, né? Que é o nosso dinheiro que era pra nós tá trabalhando, e agora quem tá pagando é nós. Que prenderam tudo o dinheiro e nós ficou tudo desempregado, e agora nois tem que comer resto de comida. Eles que comem a comida boa, aí nois vai e como só o osso.”</p>	11'07" a 11'24"	17"
52	Marcelo	<p>a parte mais difícil da vida aqui, da rua? não vou lhe mentir não. a parte mais difícil sabe o que é? é um banho, uma roupa limpa e uma alimentação, é a parte mais difícil.</p>	19'16" a 19'21"	5"

53	Vitor	<p>“Eu tô na rua tenho que estar todo rasgado? Tô na rua mas eu não posso tomar banho? Não é porque você não tem uma casa que você vai se desleixar na sua higiene. Mas as pessoas que tã na rua, elas têm depressão, várias coisas que levam elas a ficar na bad, tem alguns alívios, algumas fugas de realidade aí que são as drogas, aí nisso daí que elas ficam necessitados, sujas.”</p>	8'38" a 9'04"	25"
54	Marcelo	<p>a partir do momento que o morador de rua perde esse tipo de coisa, ele ta entregue. se ele perdeu a vontade de banhar, de trocar de roupa, ele tá mais do que entregue.</p>	19'56" a 20'02"	6"
55	Vitor	<p>A parte mais difícil é ver que você não pode confiar em ninguém, ver que você tá sozinho, que é cada um por si.</p>	5'17" a 5'22"	5"
56	Andréia	<p>“Foi ser estuprada no parque da cidade.” / “Mais uma vez meu lado bruto, meu lado nordestino, digamos assim, me ajudou. Por ter sido à noite, por ter entrado nas vias de fato com um homem... O importante é que sobrevivi, né?”</p>	7'22" a 7'24" / 7'28" a 7'50"	24"
57	Júnior	<p>O setor comercial sul é o lugar mais perigoso do df. em menos de um mes morreu dois. e duas tentativas de homicidio, em menos de um mes. A menina morreu ai ontem. Levou 22 facadas.” / “O neguinho eu tentei salva ele, não consegui não. Ela nem quis ir la nao porque po, tem nem quinze dias que eu tentei salva o outro a mente pesa, rapaz. Se é doido, eu to vendo morte desde criança. Desde que eu vim pra rua que eu to tentando sobrevive ai que eu to vendo gente morrendo, então é um bagulho que nunca vai sair da mente.</p>	1'34" a 1'49" / 1'51" a 2'13"	35"
58	Vitor	<p>“E tá na cara da sociedade. Tá a cara da sociedade. E ninguém nunca faz nada.”</p>	1'48" a 1'55"	6"

59	Andréia	“Eu acho que isso me deixa mais confiante em mim mesma, esse jeito bruto de ser.”/ “Tem que ser, tem que ser porque muitas vezes durante de toda minha vida é necessário defender minha vida e isso me ajuda. Diz que a mulher é o sexo frágil? Eu digo que não. A mulher não é um sexo frágil, eu digo que a mulher é o sexo diferenciado.”	5'16" a 5'29" / 5'33 a 5'58"	38"
60	Júnior	“A pior coisa que tem na minha vida que eu tenho é roubar uma mulher. Eu prefiro pegar um playboy, lutar com ele na porrada e tudo e roubar ele. Mas uma mulher eu não tenho coragem, nunca roubei uma mulher na minha vida.” / “Porque pô, mulher nunca a gente se bate, mulher a gente tem que amar, respeitar dar valor e carinho.	10'09" a 10'22"	13"
61	Ramon	“A rua te torna meio agressivo por isso, pelo convívio, pelo dia a dia, você convive com isso, então isso fica em você também. Um pouco da violência, um pouco da falta de respeito, da falta de educação. Tantos anos convivendo com isso você entende que isso já agarra numa forma, entende? Que é difícil de sair essas coisas que acontecem com você diariamente sai de você tão fácil.”	12'13" a 12'39"	17"
62	Júnior	“Tá muito perigoso. Antigamente era mais de boa. Mas hoje em dia, pô, os cara que mora na rua, que é com nois, tá querendo se matar. Os cana acha é bom. Cê acha que os cana não acha bom não? É menos um trabalho pra eles, moço.”	14'06" a 14'22"	16"
63	Hugo	“Que me surpreendeu? Algumas abordagens por parte da polícia. Desnecessário, desmedido.”	3'25" a 3'31"	5"

64	Vitor	<p>“Eu mesmo só fui abordado duas vezes. Duas vezes, entendeu? É muito ineficaz esse sistema da polícia. Tem alguns que nem merecem ter a farda, entendeu?” / “Eu sei que eu vou ter minha parte com Deus em relação a isso, o que eu fiz, entendeu? Mas eu precisava. Eu precisava, entendeu?”</p>	1’55” a 2’06” / 2’08” a 2’16”	14”
65	Ramon	<p>“Eu não generalizo nada, tem policiais muito bons. Tem uns também que não sabe trabalhar, já chega aborda o cara xingando a mãe, xingando o cara.”</p>	11’33” a 11’40”	11”
66	Júnior	<p>“Eles chega, aborda a gente... eu pelo menos fico de boa, no padrão.” / “Mas eu respeito eles. E eles não me bate, eles me respeita, como homem.” / “Tem gente que não respeita, quer ficar forçando a barra, tirando onda, de bam bam bam, aí eles bate mesmo, com todo respeito, eles bate po.” / “Que eles tao fazendo o serviço deles. Tem que respeitar, po. A realidade é essa.”</p>	18’00” a 18’06” / 18’11 a 18’17” / 18’39” a 18’49”	19”
67	José Carlos	<p>“Então o pessoal da rua são tudo sofrido e eles precisa de um líder que comanda eles. E o líder que pode ser eu, pode ser outro que é mais inteligente, né? Porque eu, no meu ponto de vista, eu me sinto inteligente, pelo que eu to falando, pelo que eu falei, pelo que eu tô requerendo, né?”</p>	11’22” a 11’40”	17”
68	Andréia	<p>“A rua me ensinou a sobreviver. A rua me ensinou a conseguir sobreviver numa floresta de concreto e aço. Nessa floresta tem muitos leões, cobras, veadinhos... mas enfim. O que não é cômico é trágico. Vamos tentar levar esse trágico para o cômico.</p>	8’03” a 8’31”	28”

69	Vitor	<p>“Igualmente o bicho ele fica no seu habitat. Ele não vai pra um lugar muito longe assim que não tem o que ele quer. Então igualmente eles tão aqui no centro porque tem alguma coisa que eles quer aqui, que é a droga, então alguém fornecendo.” /</p> <p>“Tráfico! e não tiver a droga não tem como eles consumir. É tão simples assim. Tráfico.”</p>	4'32" a 4'43" / 4'57" a 5'04"	16"
70	Davi	<p>“Às vezes uma pessoa da família dele é uma pessoa que é dependente escondido, que tá entrando devagarzinho na vida da droga. E que essa droga, pra ele se sentir bem a vontade pra usar, às vezes no apartamento ele não se cabe mais. Às vezes ele vem pra rua de tanta tristeza, de tanta mágoa, de tanto problema que ele já passou por conta do uso da droga e hoje ele vai se encontrar na rua.”</p>	20'06" a 20'32"	26"
71	Adenilson	<p>“Mas mesmo assim, por que que as pessoas jogam você fora? Porque toda família tem um drogado. Toda família tem um errado. Reclama, joga fora e depois vem procurar. Aí fica chorando quando ele morreu. Por que isso? Que vida é essa? Hoje, não existe amor e nem paz.”</p>	2'43" a 3'03"	19"
72	Andréia	<p>“A sociedade ela não quebrou o tabu do preconceito, ela apenas escondeu.” /</p> <p>“Estabelecimentos, eu não posso nem parar na porta de alguns estabelecimentos. Mas alguns, em contrapartida tem outros que me ajudam, que não faz acepção e até me tratam bem. Aí isso fortalece na hora da discriminação, saber que sempre tem um dois, sempre tem alguns que não pensam como esses outros.”</p>	4'25" a 4'33" / 8'50" a 9'15"	32"

73	Rosenildo	<p>“Às vezes nós vai lá na Torre e não tem nada de comida no restaurante. Aí nós tem que ficar comendo resto de comida do povo, povo não tem coragem de pagar uma marmitex pra nós comer não. Eles dá o resto da comida, aí nos tem que comer, né? Não vai passar fome. Aí nois come.</p>	10'42" a 11'01"	18"
74	Vitor	<p>“Toda vez que vocês verem algum morador de rua, não dê dinheiro. Porque vai ser pra drogas.” / “Prova viva disso é que eu tava comendo um pastel na Viçosa e aí ele me pediu dinheiro, falou que que era pra comer. Eu tava comendo dois e falei ‘pega o pastel’, ele falou não’.”</p>	11'28" a 11'35" / 11'44" a 11'50"	14"
75	Júnior	<p>“Quando eu tô com fome eu vou é lá Viçosa e, oshe, eu meto é a mão na lata de lixo e pego os pedaço do pastel pra comer. Se é doido, quando não tem eu peço ‘compra um pastel pra mim’, que não é vergonha não.”</p>	5'51" a 6'03"	11"
76	Adenilson	<p>“Olhe uma pessoa na rua e estende a mão pra ele, dê um abraço, mesmo que ele esteja fedendo. Quem faz isso, minha senhora? Quem ama quem? Você sabe por que eu choro todo dia? Porque as pessoas não olham pra você, olham pra eles mesmo.” / “Porque as pessoas não enxergam uma coisa? É morador de rua, mas é ser humano. Não é nem mais nem menos que você não.”</p>	4'24 a 4'37 / 8'19" a 8'27"	21"
77	Davi	<p>porque é facil alguem ve uma pesso na rua e nap saber porque que ela ta ali, o que foi que levou ele. e hoje a gente pode ver esses gancho e trabalhar essas pessoas. porque todo mundo aqui pode passar pelo problema de ter uma pessoa com problema de dorga.</p>	21'31" a 21'48"	16"

78	Vitor	“E eu acho que o pior vício não é o crack., é o álcool.” / “Ele é o grande vilão da história, é uma droga que devia ser proibida mas não é.”	10'21" a 10'23" / 10'31" a 10'36"	5"
79	Marcelo	“Porque, eu falo por mim, eu sou dependente químico hoje em dia só por causa do álcool. sabe porque, porque eu procurei a química por causa álcool. quando alcool começa a me deixar pesado, dá sono, não me dá vontade nem de me levantar do lugar. quando eu só a química, ela me dá um ânimo. Me dá mais vontade de ficar bebendo e usando a droga e fica acordado.”	3'34" a 3'55"	20'
80	Rosenildo	“No frio a pessoa pode morrer até no frio, né? Eu tenho uns amigo em SP que morreu no frio. Que eles beberam muito, e dormiram sem um papelão, aí quando o pessoal foi ver de manhã eles tava morto.” / “Dentro de casa o pessoal já sente frio, né? Imagine na rua. Não tem nada pra proteger, não tem nada. É difícil. Morar na rua não é bom não, é difícil.”	3'51" a 4'01" / 4'33" a 4'41"	20"
81	Andréia	“Eu não tenho nem auto, nem baixo, nem média estima. Eu tenho um dia pra viver.” / Minha maior dificuldade é conviver. Sobreviver. Existem muitos obstáculos. É de se imaginar, né? Na qualidade de mulher, de ficar numa situação vulnerável. Existem assédios.”	2'52" a 2'59" / 3'02" a 3'24"	29"
82	Ramon	Por exemplo assim, vocês vieram falar comigo aqui. Entende, o morador de rua às vezes é tão desrespeitado, sofre tanto preconceito que quando a pessoa vem falar comigo já tá com sete pedras na mão, entende? Já fica com aquela desconfiança.	11'11" a 11'22"	11"

83	Júnior	“Eu mesmo não corro não. Eu bato o pé, eu zóou, eu embrazo mesmo. Tô nem aí. Eu falo ‘oxi, eu moro é no distrito federal é todinho meu. Ixi, moro na rua, cê quer que eu vá pra onde?”	17'49" a 17'59"	9"
84	Hugo	“Cada um tem uma história e por mais difícil que seja uma situação, debaixo de um teto ou não, acredito que pode mudar. Isso depende muito de quem tá vivendo essa história, e o respeito é fundamental. A empatia, fundamental. E o direito de ser livre, principalmente, cada um tem o direito de escolher o que quer fazer ou ser na sua vida.”	8'31" a 8'50"	19"
85	Ramon	Eu vou falar pra você de um tempo pra cá eu tenho observado que tem mais gente boa do que gente ruim. Antes eu pensava diferente. “/ “Mas hoje, acho que por essa mudança minha de querer mudar, de querer deixar a rua” / “eu vejo que tem mais gente boa, mais gente disposta a ajudar a gente.	14'55" a 15'01" / 15'07" a 15'11" / 15'15" a 15'18"	12"
86	Davi	“E eu sempre gostei de cantar, de tocar,” / “e eu continuo com uma outra música que eu vou gravar o Vênio, né? Que é um dos maiores pianistas aqui de Brasília, vai gravar na conhca acústica.” / “E aí, música, né? Se quiser que eu toque uma música...”	5'48" a 5'51" / 6'25" a 6'36" / 6'39" a 6'43"	15"
87	Marcelo	eu tenho um motivo pra largar o alcool. eu botei dois filhos no mundo quando eu comecei nessa vida na quimica que ate hoje eu me afastei eu nao tenho contato nenhum com meus filhos, me afastei totalmente. e o que mais me preocupa hoje em dia é isso. como é que eu vou chegar la? desse jeito? nao tem condição. mas eu acredito que um dia.	29'17" a 29'31" / 29'39" a 29'44	19"

88	Ramon	Mas eu não enxergava antes, agora eu vejo, que o problema das pessoas na maioria das vezes não é tão externo. O problema é externo sim, a gente precisa de uma ajuda sim, de uma assistência. Mas o coisa é interna, o problema é meu comigo mesmo.”/ “Quem tem que mudar sou eu, tudo em volta muda”	6’42” a 6’54” / 7’04” a 7’06”	15”
89	Marcelo	tem muita gente que quer ajudar, mas nao sabe como. cara, num primeiro momento. tente limpar quem ta querendo ser limpo. segundo momento, de uma ocupação pra essa pessoa. ocupar a mente. seja o que for, no importa a area, mas ocupar a mente da pessoa pra nao ficar ociosa	26’02” a 26’23”	21”
90	José Carlos	Então eu preciso de te confiança das pessoas pra mim. Porque as pessoas não tem confiança em mim. E eu me sinto amedrontado por conta disso, entendeu? Porque eu tenho medo às vezes até de, de sofrer violência, às vezes até de cometer violência e sofrer violência também, porque eu sou obrigado a me defender, sou obrigado a correr ou a me defender, e às vezes acontece até coisas que não eram pra acontecer.	11’44” a 12’06”	22”
91	Ramon	Um coisa assim simples, que dessa parte externa um pouco de respeito. Respeito acho que muda muito. Quando você é tratado com respeito assim você tem aquela tendencia de respeitar também, de retribuir isso, de agir da mesma forma.	13’40” a 13’48”	8”
92	Rosenildo	“Às vezes o pessoal tem muito é preconceito, né? Vê uma pessoa que só porque é moradora de rua, aí pensa que é ladrão, né? Às vezes sai correndo.” / “Mas eu acho que fica muito feio, né, pra pessoa que faz isso. Que eu não faço nada pra	8’10” a 8’22” / 9’15” a 9’20”	16”

		ninguém. Aí fica feio pra eles mesmo.		
93	Andréia	“Na verdade eu tenho até compaixão, tenho dó. Porque quando elas discrimina, ela não quer saber como é. Mas ela esquece que ela pode passar por aquela situação, ou ente querido, mas ela não vai saber como agir. Ela não vai entender. E a floresta vai engolir ela.”	9’20” a 9’42”	22”
94	Vitor	“Bom, essas pessoas que estão na rua são enxergadas como pessoas invisíveis, né? E literalmente, elas não olham pra essas pessoas. Não olham, Se você tá comendo no restaurante, você vê uma pessoa passando — uma pessoa não, uma pessoa em situação de rua — e sua carteira tá em cima da mesa você já pega e põe no bolso. E daí você já vê.”	9’24” a 9’44”	18”
95	Júnior	“Eu não devo pra ninguém. Eu devo dinheiro, não vou mentir não, devo uns quinze mil aí. Mas não corro de ninguém não. Oshe, eu devo dinheiro, não é minha dignidade não, moço.	20’06” a 20’15”	9’
96	Adenilson	“A gente chora sabe por quê? Porque a sociedade larga nois. Não tem coragem de abraçar, não tem coragem de ver uma realidade e falar “eu existo”	5’19” a 5’29”	10’
97	Davi	“É tarde demais quando a pessoa não quer ver pra não viver. Automaticamente s ela já tá envolvida. Só de ver uma pessoa dormindo na calçada, ela já tá envolvida nisso, né? É o tipo de coisa que o pensamento já pegou aquilo já”.	22’03” a 22’18”	14”

98	Júnior	a gente é ser humano do mesmo jeito, a gente vai morrer, a gente pode ter milhões, mas tudo que a gente vai levar é terra na cara e o caixão fechado e um monte de terra, nos não vai levar nada. então assim, nunca discrimine ninguém, ainda que ele pode morar na rua ele sujo i	3'19" a 3'40"	21"
99	Adenilson	"Onde que eu vou reclamar, menina? Eu não preciso reclamar. Quem tem reclamar é vocês, que não deixa nós voltar pra sociedade. Vocês que tem que reclamar. Por que que esses caras não pode voltar pra sociedade?"	8'49" a 9'00"	11"
100	Andréia	"Na verdade nós somos sobreviventes de uma guerra diária, incessante. Desgastante? Sim. Mas no final do dia estamos renovados para mais um novo dia." / "Estou em situação de rua e, principalmente, sou mais uma sobrevivente."	9'42" a 9'56" / 10'29" a 10'34"	18"
<b>Duração total de falas</b>				27'03"

## 9.2. CRONOLOGIA DAS FALAS x CRONOLOGIA DAS ENTREVISTAS

**TABELA 5: ADENILSON - CRONOLOGIA**

Adenilson		
ordem no vídeo	cortes na entrevista	ordem na entrevista
1º	0'23" a 0'44"	1º
2º	2'43" a 3'03"	2º
3º	8'49" a 9'00"	6º
4º	4'24 a 4'37 / 8'19" a 8'27"	3º, 5º
5º	5'19" a 5'29"	4º

**TABELA 6: ALISON - CRONOLOGIA**

<b>Alison</b>		
ordem no vídeo	cortes na entrevista	ordem na entrevista
1º	1'26" a 1'32"	1º
2º	2'27" a 2'30" / 2'32" a 2'43"	2º, 3º

**TABELA 8: DIONATHAN - CRONOLOGIA**

<b>Dionathan</b>		
ordem no vídeo	cortes na entrevista	ordem na entrevista
1º	0'35" a 0'38" / 0'43" a 0'52"	1º, 2º
2º	2'01" a 2'11"	3º
3º	2'17" a 2'20" / 2'24" a 2'31"	4º, 5º

**TABELA 9: HUGO - CRONOLOGIA**

<b>Hugo</b>		
ordem no vídeo	cortes na entrevista	ordem na entrevista
1º	0'09" a 0'11" / 0'18" a 0'27"	1º, 2º
2º	3'15" a 3'22" / 2'25" a 2'27"	5º, 3º
3º	2'48" a 3'0"	4º
4º	3'25" a 3'31"	6º
5º	8'31" a 8'50"	7º

**TABELA 7: DAVI - CRONOLOGIA**

<b>Davi</b>		
ordem no vídeo	cortes na entrevista	ordem na entrevista
1º	3'28" a 3'33" / 3'38" a 3'40" / 3'49" a 3'55"	3º, 4º, 5º
2º	2'23" a 2'29" / 2'42" a 2'49"	1º, 2º
3º	18'24" a 18'37"	9º
4º	18'56" a 19'00"	10º
5º	20'06" a 20'32"	11º
6º	21'31" a 21'48"	12º
7º	5'48" a 5'51" / 6'25" a 6'36" / 6'39" a 6'43"	6º, 7º, 8º
8º	22'03" a 22'18"	13º

**TABELA 10: JOSÉ CARLOS - CRONOLOGIA**

<b>José Carlos</b>		
ordem no vídeo	cortes na entrevista	ordem na entrevista
1º	3'31" a 3'42" / 4'00" a 4'12"	4º, 5º
2º	1'46" a 1'59"	3º
3º	0'10" a 0'15" / 0'33" a 0'43"	1º, 2º
4º	11'22" a 11'40"	6º
5º	11'44" a 12'06"	7º

**TABELA 11: JÚNIOR -  
CRONOLOGIA**

<b>Júnior</b>		
ordem no vídeo	cortes na entrevista	ordem na entrevista
1º	0'31" a 0'45"	1º
2º	5'06" a 5'22" / 7'34" a 7'50"	7º, 11º
3º	15'54" a 16'11"	15º
4º	3'05" a 3'17"	4º
5º	5'44 a 5'51" / 6'42" a 7'01"	8º, 10º
6º	9'25" a 9'42"	12º
7º	4'42 a 4'59"	6º
8º	1'34" a 1'49" / 1'51" a 2'13"	2º, 3º
9º	10'09" a 10'22"	13º
10º	14'06" a 14'22"	14º
11º	18'00" a 18'06" / 18'11 a 18'17" / 18'39" a 18'49"	17º, 18º, 19º
12º	5'51" a 6'03"	9º
13º	17'49" a 17'59"	16º
14º	20'06" a 20'15"	20º
15º	3'19" a 3'40"	5º

**TABELA 12: MARCELO -  
CRONOLOGIA**

<b>Marcelo</b>		
ordem no vídeo	cortes na entrevista	ordem na entrevista
1º	1'44" a 1'49" / 1'51" a 1'55" /	3º, 4º
2º	17'04" a 17'25"	9º
3º	21'08" a 21'20 / 22'38" a 22'45"	12º, 13º
4º	38'10" a 38'12' / 38'15" a 38'17" / 38'28" a 38'36"	18º, 19º, 20º
5º	1'16" a 1'19 / 1'24" a 1'32"	1º, 2º
6º	28'12" a 28'26"	15º
7º	7'24" a 7'44"	8º
8º	6'37" a 6'49" / 6'56" a 7'11"	6º, 7º
9º	19'16" a 19'21"	10º
10º	19'56" a 20'02"	11º
11º	3'34" a 3'55"	5º
12º	29'17" a 29'31" / 29'39" a 29'44"	16º, 17º
13º	26'02" a 26'23"	14º

**TABELA 13: RAMON -  
CRONOLOGIA**

Ramon		
ordem no vídeo	cortes na entrevista	ordem na entrevista
1º	8'49" a 9'01"	10º
2º	11'59" a 12'07"	13º
3º	5'35" a 5'45" / 12'44" a 12'59"	6º, 15º
4º	0'20" a 0'27"	1º
5º	4'47" a 4'51" / 4'54" a 4'57" / 5'07" a 5'10"	3º, 4º, 5º
6º	7'38" a 7'49"	9º
7º	3'00" a 3'12"	2º
8º	17'09" a 17'24" / 17'30" a 17'35" / 17'40" a 17'43"	20º, 21º, 22º
9º	12'13" a 12'39"	14º
10º	11'33" a 11'40"	12º
11º	11'11" a 11'22"	11º
12º	14'55" a 15'01" / 15'07" a 15'11" / 15'15" a 15'18"	17º, 18º, 19º
13º	6'42" a 6'54" / 7'04" a 7'06"	7º, 8º
14º	13'40" a 13'48"	16º

**TABELA 14: ROSENILDO -  
CRONOLOGIA**

Rosenildo		
ordem no vídeo	cortes na entrevista	ordem na entrevista
1º	1'04" a 1'06" / 1'33" a 1'46"	1º, 2º
2º	4'41" a 5'03"	6º
3º	2'40" a 2'53"	3º
4º	11'07" a 11'24"	10º
5º	10'42" a 11'01"	9º
6º	3'51" a 4'01" / 4'33" a 4'41"	4º, 5º
7º	8'10" a 8'22" / 9'15" a 9'20"	7º, 8º

**TABELA 15: VITOR - CRONOLOGIA**

<b>Vitor</b>		
ordem no vídeo	cortes na entrevista	ordem na entrevista
1º	3'40" a 3'43" / 4'03" a 4'14"	6º, 7º
2º	6'33" a 6'36" / 6'45" a 6'52"	13º, 14º
3º	5'52" a 6'02" / 6'14" a 6'25"	11º, 12º
4º	2'24" a 2'53"	5º
5º	0'45" a 0'59"	1º
6º	7'04" a 7'10" / 7'19" a 7'30"	15º, 16º
7º	8'38" a 9'04"	17º
8º	5'17" a 5'22"	10º
9º	1'48" a 1'55"	2º
10º	1'55" a 2'06" / 2'08" a 2'16"	3º, 4º
11º	4'32" a 4'43" / 4'57" a 5'04"	8º, 9º
12º	11'28" a 11'35" / 11'44" a 11'50"	21º, 22º
13º	10'21" a 10'23" / 10'31" a 10'36"	19º, 20º
14º	9'24" a 9'44"	18º

## 10. ANEXOS

### 10.1. AUTORIZAÇÃO DO USO DE IMAGEM E VOZ

Brasília, \_\_\_\_ de Outubro de 2018

#### TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E VOZ

Pelo presente Instrumento Particular neste ato, eu \_\_\_\_\_, nacionalidade \_\_\_\_\_, estado civil \_\_\_\_\_, inscrito(a) no CPF sob nº \_\_\_\_\_, AUTORIZO sem qualquer ônus, o uso de minha imagem, som da voz e nome por mim cedidos em todo e qualquer material produzido, entre fotos, gravações e documentos, para ser utilizada em filmes, campanhas promocionais, institucionais ou de todo teor que haja vinculação com o trabalho de conclusão de curso em Jornalismo pela UnB da aluna Valquíria Homero de Almeida, sendo essas destinadas à divulgação ao público em geral (está incluso o direito de não utilizar parte ou todo o material registrado durante o processo). A presente autorização é concedida a título gratuito e abrangendo o uso da imagem e voz acima mencionadas em todo território nacional e no exterior, das seguintes formas: (I) out-door; (II) busdoor; (III) folhetos em geral (encartes, mala direta, catálogo, etc.); (IV) folder de apresentação; (V) anúncios em revistas e jornais em geral; (VI) home page; (VII) cartazes; (VIII) back-light; (X) mídia eletrônica (painéis, vídeo-tapes, televisão, cinema, programa para rádio, entre outros); (XI) mídias digitais (Facebook, Twitter, Instagram, Youtube, entre outros). O trabalho poderá ser explorado, sem limite de tempo, em todo o mundo e todas suas versões dubladas e legendadas, em todas as plataformas e mediante todos os meios atualmente conhecidos ou desconhecidos. Através dessa, também fazem a CESSÃO a título gratuito e sem qualquer ônus de todos os direitos relacionados às suas imagens e voz na produção do trabalho. A presente autorização e cessão são outorgadas livres e espontaneamente, em caráter gratuito, não incorrendo a autorização em qualquer custo ou ônus, seja à que título for, sendo que estas são firmadas em caráter irrevogável, irretratável, e por prazo indeterminado, obrigando, inclusive, eventuais herdeiros e sucessores outorgantes. Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito e assino a presente autorização em 02 vias de igual teor e forma.

---

Assinatura (Responsável Legal)